



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
INSTITUTO DE ESTUDOS SOCIOAMBIENTAIS
Programa de Pós-Graduação em Geografia

DOUGLAS ANTONIO ROCHA PRADO

**PARQUE MUNICIPAL FLAMBOYANT: APROPRIAÇÃO E USOS
PARA LAZER**

GOIÂNIA

2012

DOUGLAS ANTONIO ROCHA PRADO

**PARQUE MUNICIPAL FLAMBOYANT: APROPRIAÇÃO E USOS
PARA LAZER**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Goiás, para obtenção de título de *Mestre* em Geografia.

Área de Concentração: Natureza e apropriação do cerrado.

Orientador: Dr. Tadeu Pereira Alencar Arrais

GOIÂNIA

2012

DOUGLAS ANTONIO ROCHA PRADO

**PARQUE MUNICIPAL FLAMBOYANT: APROPRIAÇÃO E USOS
PARA LAZER**

Dissertação defendida e aprovada em 05 de julho de 2012, no Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade Federal de Goiás.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Tadeu Pereira Alencar Arrais - UFG
Presidente da Banca

Prof. Dr. Marcelo de Mello - UEG
Examinador externo

Prof. Dr. Ivanilton José de Oliveira - UFG
Examinador interno

*À minha mãe, por investir em minha vida e
acreditar em meu potencial.*

AGRADECIMENTOS

Ao professor e orientador Dr. Tadeu Pereira Alencar Arrais pela paciência e palavras de ânimo em momentos difíceis.

Ao professor Dr. Ivanilton José de Oliveira pelas importantes contribuições como membro da banca de qualificação e da banca de defesa.

Ao colega de mestrado Ubiratan Pereira de Resende e aos amigos David Prado, Franciosvan Oliveira, Julio Torres, Cristiane Cominetti e André Hedlund por suas valiosas contribuições.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) pelo auxílio financeiro.

Aos funcionários da secretaria e à coordenação do Programa que sempre me atenderam com tanta presteza e eficiência.

A todos os professores e colegas de mestrado e doutorado que ao longo desta jornada contribuíram de alguma forma para meu aperfeiçoamento como profissional e como pessoa.

A Deus, o autor e diretor da minha vida.

SUMÁRIO

Lista de figuras	06
Lista de quadros	08
Resumo	09
Abstract	10
INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1: APROPRIAÇÃO E USOS PARA LAZER	13
1.1 Lazer: Teorias e Concepções	13
1.2 Conceitos de Lazer	14
1.2.1 Lazer: atividades realizadas no tempo livre	14
1.2.2 Lazer como um estilo de vida	18
1.3 O lazer e a cidade	21
CAPÍTULO 2: PARQUE FLAMBOYANT COMO ESPAÇO DE LAZER	25
2.1 Os parques municipais de Goiânia	25
2.2 Implantação do Parque Flamboyant	30
2.3 Características e Equipamentos do Parque	39
CAPÍTULO 3: APROPRIAÇÃO E USOS PARA LAZER NO PARQUE	45
3.1 Frequentadores e visitantes do Parque Flamboyant: perfil, deslocamento, frequência e usos.	46
3.1.1 Perfil dos entrevistados	48
3.1.2 Deslocamento	50
3.1.3 Frequência	55
3.1.4 Atividades de Lazer	57
3.2 A percepção dos entrevistados	61
3.2.1 Relação do parque com a qualidade de vida e a Cidade de Goiânia	63
CONSIDERAÇÕES FINAIS	66
REFERÊNCIAS	69
APÊNDICE Roteiro para entrevista com frequentadores e visitantes do Parque Flamboyant	72

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Parque Flamboyant: placas de orientação e conscientização	23
Figura 2 – Mapa: Goiânia – Parques municipais inaugurados antes e depois de 2005.	27
Figura 3 – Parque Sabiá: equipamentos e conservação	29
Figura 4 – Parque Carmo Bernardes	30
Figura 5 – Imagem aérea do Parque Municipal Flamboyant Lourival Louza em 1968	31
Figura 6 – Mapa: Parque Flamboyant: quadras e vias do entorno	33
Figura 7 – Material publicitário da Construtora TCI Ímpar	34
Figura 8 – Vista Parque Flamboyant	35
Figura 9 – Imagem aérea do Parque Municipal Flamboyant Lourival Louza em 1975	36
Figura 10 – Imagem aérea do Parque Municipal Flamboyant Lourival Louza em 1986	37
Figura 11 – Imagem aérea do Parque Municipal Flamboyant Lourival Louza em 1991.	37
Figura 12 – Imagem de satélite da região do Parque Flamboyant em 2002	38
Figura 13 – Imagem de satélite da região do Parque Flamboyant em 2007	38
Figura 14 – Imagem de satélite da região do Parque Flamboyant em 2012	39
Figura 15 – Zoneamento Ambiental do Parque Flamboyant	40
Figura 16 – Equipamentos do Parque Flamboyant	41
Figura 17 – Equipamentos do Parque Flamboyant - 2	42
Figura 18 – Tipos de usuários do Parque Flamboyant: frequentadores e visitantes....	47
Figura 19 – Carga horária de trabalho semanal	49
Figura 20 – Renda média familiar	49
Figura 21 – Mapa: bairros de residência dos entrevistados	51
Figura 22 – Estacionamento do Parque Flamboyant	52
Figura 23 – Tipo de transporte utilizado para acesso ao Parque	52
Figura 24 – Renda média familiar de todos os entrevistados versus renda média familiar dos entrevistados que vão ao parque a pé	53
Figura 25 – Tempo de deslocamento entre a residência e o Parque.....	54

Figura 26 – Mapa Parque Flamboyant: vias de acesso e circulação	56
Figura 27 – Cotidiano e usos do espaço no Parque Flamboyant	58
Figura 28 – Cotidiano e usos do espaço no Parque Flamboyant - 2	59
Figura 29 – Placa proibindo o acesso de pedestres, tendo ao fundo pessoas usufruindo normalmente a área “proibida”	60
Figura 30 – À esquerda, placa informando regra de uso em que pedestres e ciclistas têm cada um seu próprio espaço reservado. À direita, pedestres caminhando na pista de ciclismo	60
Figura 31 – Parques mais conhecidos pelos entrevistados	65

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Ações propostas no Programa de Manejo de Uso Público do Parque Flamboyant ainda não desenvolvidas.	42
Quadro 2 – Ações propostas no Programa de Manejo de Uso Público do Parque Flamboyant ainda não realizadas ou só parcialmente realizadas	43

RESUMO

Os parques públicos são importantes espaços destinados ao lazer nas grandes cidades. Apesar do grande número de parques existentes em Goiânia, os mais estruturados estão localizados em bairros centrais, dificultando a apropriação da maioria da população por esse tipo de equipamento público. O Parque Flamboyant está entre os mais estruturados da cidade, passando, após sua implantação, a ser uma alternativa de lazer para parcela da população. Para compreender como se deu esse processo de apropriação e usos para lazer no parque, foi necessário fazer uma revisão teórica sobre lazer, verificar como ocorreu a implantação do parque, quais suas características e os diversos usos de lazer identificados durante a pesquisa de campo. Uma análise da forma e conteúdo do Parque e do perfil, usos e percepção dos entrevistados possibilitou desvendar um pouco mais sobre as dinâmicas sociais e político-econômicas que configuram e permeiam a cidade de Goiânia. Partindo do pressuposto de que a forma revela conteúdos, a análise da paisagem revelou ideologias e contradições presentes na cidade. O fato de o parque possuir uma estrutura superior aos parques localizados nos bairros periféricos demonstra o investimento por parte do poder público com vistas a atender os interesses dos agentes do mercado imobiliário. Quanto à apropriação deste espaço público, a pesquisa revelou que os frequentadores, os que apropriam de fato o parque, são aqueles que moram próximo, ou que possuem meios de transporte individual capazes de proporcionar rápido acesso ao local. Deste modo, grande parcela da população fica excluída desta apropriação, seja nunca indo ao parque ou apenas visitando-o esporadicamente. Apesar deste caráter segregador, o parque contribui para a melhoria da qualidade de vida e aumento da sociabilidade de parcela da população goianiense, o que pode ser notado através das diversas práticas de lazer identificadas neste espaço. Destaca-se dentre estas atividades de lazer a diferença entre os chamados comportamentos programados e os comportamentos transgressores, o que demonstra a riqueza e a complexidade de significados que um espaço pode revelar.

Palavras-chave: apropriação; usos de lazer; segregação; parque urbano.

ABSTRACT

Public parks are important places for leisure in big cities. Despite the large number of parks in Goiania, the most structured are located in central areas, which difficults the population access to this type of public facility. The Flamboyant Park is among the most structured in the city, becoming a leisure alternative for a portion of the population. To understand how the appropriation process has occurred as well as its use for leisure activities, it was necessary to perform a theoretical review about leisure, to verify how the park implementation has occurred, which are its characteristics and the various recreational uses identified during the field research. An analysis of form and content of the Park and of the profile, use and perceptions of the respondents allowed uncovering a little more about the social and political dynamics that shape and permeate the city of Goiania. Under the assumption that shape reveals contents, the landscape analysis has revealed current ideologies and contradictions in the city. The fact that the park has a superior structure compared to parks located in peripheral districts demonstrates the investment from public authorities aiming to meet the interests of property market agents. As to the ownership of this public space, the research has revealed that the regular goers, the ones who in fact appropriate the park, are the ones who live nearby, or who possess individual means of transportation capable of providing quick access to the location. Therefore, a large part of the population is excluded from this ownership, as they never go to the park or only seldom visit it. Despite this segregating character, the park contributes to a life quality improvement and increases sociability of a large part of the goianiense population, which can be observed by the several leisure practices identified in this space. The difference between programmed behavior and transgressing behavior stands out among these activities, which demonstrates the richness and complexity of meanings a space can reveal.

Keywords: appropriation, leisure uses, segregation, urban park.

INTRODUÇÃO

A cidade de Goiânia carece de lugares públicos de lazer e os parques são uma alternativa a essa carência. Mesmo impulsionados por interesses imobiliários, os parques da cidade têm proporcionado uma opção a mais de lazer para parcela da população. A escolha do Parque Flamboyant como objeto de estudo torna-se relevante não apenas por ainda terem sido desenvolvidos poucos estudos sobre o tema (ACHCAR, 2008; PERES; BARBOSA, 2010), mas também pela importância que conquistou na dinâmica socioespacial da cidade. Se entendermos lazer como uma dimensão da cultura na qual se buscam o divertimento e a realização pessoal, visto por alguns como tempo de recuperação psicossocial voltado ao trabalho, por outros como um tempo privilegiado para consumo, o tema ganha relevância por tratar de questões tão presentes na sociedade. Outro fator a se considerar é o processo de segregação no acesso às opções de lazer na cidade. Se as classes privilegiadas têm um leque enorme de opções de lazer, os mais pobres devem se contentar com o entretenimento de massa (televisão) ou com a prática de atividades alternativas de lazer tais como a prática de esporte nas ruas, festa na casa de parentes e amigos, bares, igrejas etc.

Em Goiânia, os parques urbanos passam a ser uma alternativa a essa situação, apesar de ainda existir um número reduzido em relação à demanda e de os mais estruturados estarem localizados em bairros centrais, distantes das casas da parcela mais pobre da população. A distância, aliada à dificuldade de transporte, inibe a visita dessas pessoas a estes parques.

Diante dessa situação, cabe fazer a seguinte pergunta: de que maneira o Parque Flamboyant foi apropriado como espaço de lazer por parcela da população goianiense? Vale, nesse sentido, lembrar que, apesar de o Parque Flamboyant ser de difícil acesso para a maioria da população goianiense, ele proporcionou uma alternativa a mais de convivência, saúde, esporte e lazer para parcela da população. Dessa forma, contribui para a sociabilidade e a melhoria de qualidade de vida dos frequentadores, pois após a implantação do parque foi oportunizada a prática de mais atividades físicas, isso sem contar as possibilidades de contemplação, de encontro com a família, amigos etc.

Esta pesquisa tem como objetivo geral analisar a apropriação do Parque Flamboyant como espaço de lazer por parcela da comunidade goianiense, e como objetivos específicos: a) descrever o processo de implantação e as características do Parque; b) identificar o perfil, a forma de deslocamento, a frequência e as práticas cotidianas de lazer dos frequentadores e visitantes do Parque; e c) refletir sobre os usos para lazer do Parque.

Para o desenvolvimento desta dissertação, realizaram-se pesquisa bibliográfica, pesquisa documental e pesquisa de campo. A pesquisa bibliográfica consistiu de uma revisão sobre a teoria do lazer, com base em autores como Dumazedier (1999), Marcellino (1996, 1999, 2001, 2007), Gomes (2008), e do cotidiano, com autores como De Certeau (2007), Lefebvre (1991, 1999), Cavalcanti e Paula (2007), Cavalcanti (2008), Cavalcanti e Morais (2011). Também se valeu de teses, dissertações e artigos relacionados ao tema realizados por Achcar (2008), Davim et al. (2003), Peres e Barbosa (2010), Sturion e Cabral (2001), Surdi e Tonello (2007). A pesquisa documental consistiu na análise de mapas, leis, decretos, projetos, plano de manejo etc. Para isso foram feitas visitas na Agência Municipal do Meio Ambiente de Goiânia (AMMA), na Secretaria do Planejamento Municipal (SEPLAM) e nos jornais *Diário da Manhã* e *O Popular*.

A pesquisa de campo compreendeu várias etapas. Na primeira realizaram-se entrevistas com a chefia de Divisão de Estudos e Caracterização de Unidades de Conservação da AMMA e com o gerente do Parque Flamboyant. Também nesta etapa efetuaram-se conversas informais com os guardas e com auxiliares de serviços gerais do Parque e observação em campo com registros fotográficos. Na etapa seguinte procedeu-se a entrevistas com os usuários do Parque, num total de 48, em dias e horários variados, no período de 18 de junho de 2011 a 29 de junho de 2011. As entrevistas foram constituídas de perguntas objetivas e subjetivas, conforme Roteiro para Entrevista (Apêndice).

Espera-se com este trabalho contribuir para o entendimento sobre a apropriação do Parque Flamboyant por parte da população goianiense, no que diz respeito aos usos para lazer, desvendando um pouco mais sobre os sujeitos desta cidade. Esses sujeitos são capazes de revelar, através de suas falas e suas práticas de lazer, as ideologias, as contradições da cidade e os processos sociais resultantes das formas sociais, além de outros aspectos políticos e culturais.

CAPÍTULO 1

APROPRIAÇÃO E USOS PARA LAZER

1.1 Lazer: Teorias e Concepções

Como a cultura é obra do lazer, das ocasiões de “ócio”, não do “negócio”, o tema se torna de importância crucial.

TÔRRES

A teoria do lazer ainda é muito recente. Tradicionalmente estudada pela sociologia, tem ganhado espaço em outras áreas, por se tratar de um tema cada vez mais em evidência em nossa sociedade atual, seja pela mudança cultural em que se valoriza mais o lúdico, seja pela crescente indústria do entretenimento. Para Mascarenhas (2004) e Rolim (1989), o lazer teria surgido na sociedade industrial. Apesar de esta ser uma forte corrente entre os pesquisadores da área, tem-se conhecimento de algumas concepções de lazer nos tempos antigos.

Para os gregos antigos, o lazer era visto como um privilégio, pois por intermédio da libertação do trabalho a pessoa poderia contemplar as “ideias eternas”, ou seja, no momento da ociosidade ela podia refletir sobre questões filosóficas, culturais e políticas. Em uma sociedade na qual se valorizavam o debate e o conhecimento, o lazer era fundamental para aqueles que quisessem se destacar.

O lazer, desse modo, foi compreendido como libertação do trabalho, como o ócio essencial para o desenvolvimento das ideias. O trabalhador foi considerado inferior aos que tinham o privilégio do tempo para contemplação e desenvolvimento das ideias. Assim como os antigos gregos, os romanos consideravam o lazer como sinônimo do ócio, do não trabalho. Nessa perspectiva, Andrade (2001, p. 14) afirma que, para os romanos, ser livre significava viver sem precisar trabalhar, alcançando uma superioridade social sobre os que eram obrigados a trabalhar para viver.

Após a revolução industrial, pensava-se que o homem, ao ser substituído pelas máquinas, teria mais tempo livre para se dedicar ao lazer e à realização pessoal (STURION; CABRAL, 2001, p. 72). No entanto, o que se viu foi o aumento da exploração da mão de obra, em virtude das longas jornadas de trabalho, gerando uma necessidade crescente por mais tempo para lazer, como destacado por Dumazedier (2000, p. 25). Esse tempo, cabe assinalar, só foi conquistado pela mobilização da classe trabalhadora, que acabou por conseguir direitos

como as folgas semanais, as férias e a aposentadoria, dando forma ao lazer como conhecemos hoje. O lazer, a partir de então, passa a ser incorporado às massas, originando uma crescente indústria do entretenimento, que utiliza o tempo livre do trabalho como forma de aumentar seus lucros.

Muitas pessoas praticam atividades de lazer sem saber que o estão fazendo. Para alguns, lazer é sinônimo de diversão, para outros de descanso, de tempo livre. Afinal, qual seria o conceito de lazer? O fato é que não há consenso entre os estudiosos que se debruçam sobre o tema, apenas linhas teóricas desenvolvidas por áreas do conhecimento como a Sociologia, a Psicologia, a Educação Física e o Turismo.

1.2 Conceitos de Lazer

Apesar de não haver consenso sobre a definição de lazer, verifica-se a existência de duas principais vertentes teóricas sobre o assunto. A primeira vertente, que envolve o aspecto sociológico, é a que considera o lazer como atividades desenvolvidas no tempo livre das obrigações. A segunda vertente teórica, que envolve o aspecto psicológico, é a que considera o lazer como um estilo de comportamento, como cultura, atitude que independe de um tempo determinado. Para Marcellino (2001, p. 25), “a tendência dominante entre os especialistas é no sentido de considerar as duas variáveis – tempo e atitude – na conceituação do lazer, quase sempre enfatizando a qualidade das atividades desenvolvidas”. Desse modo, não poderia haver lazer sem um tempo específico para tal e sem uma atitude de busca pelo lúdico e pela realização pessoal. A seguir são abordadas essas duas principais vertentes teóricas sobre o lazer. Procurou-se, para isso, fazer um levantamento das ideias dos principais autores de cada uma das vertentes.

1.2.1 Lazer: atividades realizadas no tempo livre

Um clássico no tema, internacionalmente estudado e debatido, é a obra de Dumazedier (2000). Nessa obra, o autor entende o lazer como atividades realizadas no tempo livre, no qual o trabalhador encontra-se desembaraçado de suas obrigações profissionais, familiares e sociais. Diz Dumazedier (2000, p. 34):

O lazer é um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou, ainda para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais.

Surge aqui a dualidade lazer/trabalho, na qual não pode haver lazer se a pessoa não se sentir livre do trabalho ou das obrigações. Sendo um conjunto de ocupações, o lazer é assim passível de ser classificado ou categorizado, dando margem, dessa forma, para a classificação dos “tipos de lazer”, tais como o lazer cultural, o lazer esportivo, o lazer turístico, dentre outros.

Aprofundando mais sua teoria, Dumazedier (2000) defende que o lazer possui três funções mais importantes: a) a função de descanso; b) a função de divertimento, recreação e entretenimento; e c) a função de desenvolvimento. Ao estabelecer essas funções, o autor detalha mais as atividades que considera fazer parte do lazer.

A primeira função, a do descanso, considera o lazer como reparador das deteriorações físicas e nervosas provocadas pelas tensões resultantes das obrigações cotidianas e, particularmente, do trabalho. O trabalhador é visto como alguém que vive em constante tensão, seja pelas cobranças da família, do trabalho ou da sociedade, seja pelo estilo de vida que prioriza o ter ao invés do ser, afogando o indivíduo em compromissos e atividades que acabam por esgotá-lo física e emocionalmente. Desse modo, para Dumazedier (2000, p. 32),

[...] apesar de ter havido uma melhoria na execução das tarefas físicas, o ritmo da produtividade, a complexidade das relações industriais e, nas cidades grandes, a distância entre o local de trabalho e da habitação, determinam, certamente, um aumento na necessidade de repouso, silêncio, *farniente* e pequenas ocupações sem objetivo.

Imagine-se o que ocorre com um trabalhador comum que vive e trabalha em uma grande cidade. Todos os dias, de manhã, já ao sair de casa, ele enfrenta os demorados congestionamentos no trânsito, ou a demora e o desconforto do transporte coletivo, e quando chega ao trabalho é constantemente cobrado tanto pelo superior hierárquico, que quer resultados, quanto pelos clientes, que querem ser satisfeitos, e ainda pelos colegas de trabalho, que, ao visar ao crescimento na própria empresa, disputam com seus pares, para se destacarem junto aos superiores hierarquicamente.

Em um mercado de trabalho competitivo, o profissional se vê obrigado a buscar qualificação profissional, na maioria das vezes tendo de pagar por essa qualificação do seu próprio bolso. Soma-se, desse modo, à carga horária de trabalho o período destinado ao desenvolvimento profissional. Ao retornar para seu lar, este trabalhador comum precisa se

preocupar com os afazeres domésticos, com seu cônjuge e filhos, caso seja casado; se solteiro, tem obrigações com o(a) companheiro(a), com seus pais, colegas e amigos. O pouco tempo que lhe resta pode ser destinado ao descanso, a fim de restaurar a sua condição física e psicológica degradada pelo seu estilo de vida estressante. Nas palavras de um jovem empresário entrevistado no parque,

[...] vivemos em um mundo muito corrido, o trabalho está sobrecarregando o pessoal, o *stress* está muito presente na vida de todo mundo, desta forma os parques trazem a oportunidade de se estar ao ar livre, em um ambiente agradável onde as pessoas podem praticar atividades físicas, passear, fazer piquenique, conviver mais com a família e assim por diante.

A segunda função, a do divertimento, recreação e entretenimento, considera que o lazer pode servir como uma fuga à fadiga e ao tédio, provocados pelo trabalho. Esta fuga pode manifestar-se de diversas maneiras, seja em um jogo de futebol no final de semana, em um passeio no *shopping*, uma viagem ou até mesmo cuidar de um jardim ou praticar outros *hobbies*. Essa busca também pode exteriorizar-se por infrações às regras jurídicas e morais, ou por uma vida de compensação ou de evasão para um mundo diferente do vivido diariamente. Muitos brasileiros rendem-se aos encantos oferecidos pelos meios de comunicação de massa e pelo cinema, pelos sons e imagens que levam a mente de seu público a uma verdadeira viagem a um mundo imaginário, cujos roteiros preferidos, por darem mais audiência, giram em torno de temas como a banalização da violência, dos valores tradicionais e da vida. Jovens e adultos rendem-se também aos jogos eletrônicos, às inovações tecnológicas, à internet, transformando essas atividades muitas vezes em vícios.

A terceira função assinalada por Dumazedier (2000), a do desenvolvimento da personalidade, é aquela em que o lazer permite uma maior participação social do indivíduo, criando novas formas de aprendizagem voluntária, contribuindo para o surgimento de condutas inovadoras e criadoras. Esta função está relacionada ao desenvolvimento e utilização dos principais talentos individuais, permitindo que o indivíduo se integre socialmente, contribuindo para sua autoestima e satisfação pessoal. O lazer, considerado um tempo em que a pessoa está livre de suas obrigações profissionais, suscitará no indivíduo, de acordo com Dumazedier (2000, p. 34), “comportamentos livremente escolhidos e que visem ao completo desenvolvimento da personalidade, dentro de um estilo de vida pessoal e social”. Desse modo, o lazer poderia contribuir para a formação de uma sociedade com homens e mulheres mais felizes e realizados, pois se desenvolvem como pessoas e como profissionais capazes de utilizarem mais seu próprio potencial.

Dividir o lazer em três funções não significa que as atividades de lazer devam necessariamente estar relacionadas a uma ou outra função. Por exemplo, o indivíduo, ao ler um livro em seu tempo livre, pode estar descansando, se divertindo e se desenvolvendo, tudo isto ao mesmo tempo. Nessa perspectiva Dumazedier (2000, p. 34) diz:

As três funções são solidárias, estão sempre intimamente unidas umas às outras, mesmo quando parecem opor-se entre si. Na verdade, essas funções acham-se presentes, em graus variados, em todas as situações e em relação a todos os indivíduos; podem suceder-se ou coexistir; manifestar-se uma de cada vez ou simultaneamente na mesma situação de lazer. Às vezes estão de tal modo interpenetradas que se torna difícil distingui-las. Na realidade, cada uma delas não passa quase sempre de uma *dominante*.

Outro autor que trata o lazer como atividades praticadas no tempo livre do trabalho é Andrade (2001). Para Andrade (2001, p. 21), o lazer pode ser considerado

[...] um conjunto de fatos e circunstâncias que, por sua natureza, apresentam-se como isentos das pressões e das tensões que, com certa frequência, podem afetar as atividades humanas individuais e grupais compulsivas opcionais.

Para este autor, o trabalho jamais se transforma em autêntico lazer, mesmo que seja prazeroso e interessante. Para Andrade (2001, p. 25), o trabalho seria

uma aplicação livre ou compulsória, breve ou longa, intercalada ou contínua de esforços físicos e/ou mentais voltados à consecução de objetivos cuja natureza exige alguma dedicação e, geralmente, produz algum desgaste de energia, no corpo e/ou na mente.

Apesar de definir o lazer com base na dicotomia trabalho/lazer, Andrade (2001, p. 43) acredita que essas duas dimensões não se repelem, antes, complementam-se, a fim de enriquecer o sentido da própria vida. Uma professora, moradora do Conjunto Riviera, ilustra bem através de sua fala esta questão:

Tenho um filho de dois anos que está começando a formar seu caráter, o parque contribui muito para sua formação, pois proporciona o contato com a natureza, o contato social. Além disso, ele começa a separar desde agora as obrigações do dia a dia do que é o lazer. Durante a semana ele vai para a escola, mas quando chega o final de semana me pergunta: “mamãe, vamos para o parque?”. Em minha opinião isto contribui bastante para sua formação.

Uma vida com sentido seria aquela em que o indivíduo tivesse tempo para o trabalho, em que pudesse alcançar objetivos graças a seus esforços coordenados, e tempo para o lazer, em que pudesse se dedicar a atividades que contribuíssem para sua realização social e pessoal.

1.2.2 Lazer como um estilo de vida

Para Marcellino (1999) e Gomes (2008), o lazer é concebido como cultura vivenciada no tempo disponível. O lazer deixa, dessa forma, de ser visto como mero conjunto de atividades opostas ao trabalho, passando a ser entendido como produção humana, possuindo, assim, uma dimensão simbólica. Para Gomes (2008, p. 4), “o lazer participa da complexa trama histórico-social que caracteriza a vida em sociedade, é um dos fios tecidos na rede humana de significados, símbolos e significações”. Nesse sentido, o lazer está interligado às outras dimensões da vida humana, como o trabalho, a religiosidade, as relações sociais etc., influenciando e sendo influenciado por elas.

Estes autores não tratam mais o lazer do ponto de vista da dualidade lazer *versus* trabalho, mas sim por meio da integração e interação desses elementos. Para Marcellino (2001, p. 28), “o lazer não pode ser considerado isoladamente como única fonte de realização humana numa sociedade cada vez mais desumana”. Sendo assim, não é possível tratar separadamente lazer e trabalho, pois, devido à interligação dos dois, um e outro adquirem significado. Não faz sentido mais viver para trabalhar ou viver do trabalho dos outros apenas. O trabalho ganha relevância na medida em que traz um senso de realização pessoal, que, aliada à realização propiciada por momentos relevantes de lazer, produz sentido à vida.

Ressaltando a importância do lazer para a vida dos indivíduos, Davim et al. (2003, p. 21) afirmam que “não é só o trabalho que dá sentido à vida. As energias renovadas diariamente pelo lazer poderão também trazer incentivo, otimismo, prazer e mais esperanças para quem o pratica”. Portanto, não adianta ter políticas públicas voltadas à geração de emprego se não existirem também investimentos em lazer, de forma a propiciar tempo e espaço adequados para o desenvolvimento e satisfação das pessoas.

Ampliando a discussão, Gomes (2008) afirma que a compreensão do lazer envolve quatro elementos inter-relacionados: o tempo, espaço/lugar, as manifestações culturais e a atitude:

- (a) O tempo, que corresponde ao usufruto do momento presente e não se limita aos períodos institucionalizados para o lazer; (b) o espaço/lugar, que vai além do espaço físico por ser um “local” do qual os sujeitos se apropriam no sentido de transformá-lo em ponto de encontro para o convívio social; (c) as manifestações culturais, que constituem as práticas vivenciadas como fruição da cultura e, por isso, detêm significados singulares para quem as vivencia, e (d) a atitude, que se fundamenta na ludicidade – aqui entendida como expressão humana de significados da/cultura referenciada no brincar consigo, com o outro e com a realidade. (GOMES, 2008, p. 4).

O tempo disponível conquistado pela classe trabalhadora possibilitou-lhe o desenvolvimento de atividades antes não usufruídas simplesmente por falta de tempo. Trata-se de atividades que demandariam ou não algum lugar específico. Contudo, sabe-se que não existe lazer sem tempo e espaço a ele destinados, pois como desenvolver uma ação, ou produzir sentido à vida, se não há tempo disponível para tal? E como pensar a vida humana sem um espaço no qual possa influenciar e ser influenciada?

Marcellino (2007) também ressalta a importância dos elementos “tempo” e “espaço” para a democratização do lazer. Em um estudo sobre os espaços e equipamentos de lazer na Região Metropolitana de Campinas, este autor afirma que “democratizar o lazer implica [...] democratizar o espaço [...] é necessário, antes de tudo, que ao tempo disponível corresponda um espaço disponível” (MARCELLINO, 2007, p. 16). Apesar da importância do espaço para a prática do lazer, há atividades de lazer que não exigem espaços públicos, tais como as atividades praticadas em espaços privados e as praticadas em espaços privativos. Sobre os espaços livres da cidade, Pina (1996, p. 35) pondera:

São cada vez mais reduzidos, da mesma forma, os espaços livres dentro do tecido urbano, e as exigências de espaço da sociedade de serviço originam novas propostas de ocupação e uso do território, que vão significar sua apropriação por parte de algum agente econômico e social, restringindo-se o acesso ou sua utilização livre pelo cidadão. Assim, este cada vez mais vive e circula em ambientes controlados por terceiros, com pouca ou nenhuma autonomia para utilizar o espaço conforme sua inspiração do momento.

Nas metrópoles brasileiras, alguns dos elementos mais escassos não só para o lazer, mas para a vida como um todo, são o tempo e o espaço público. A cidade tornou-se um aglomerado de edificações e espaços destinados à moradia, ao comércio, ao lazer privado e ao fluxo de automóveis. As poucas áreas públicas são disputadíssimas pelos donos do capital, que veem em cada metro quadrado uma promessa de lucros. E onde ficam os espaços públicos destinados ao lazer? Às vezes, em uma área abandonada próxima de casa, ou um espaço bem equipado, mas longe de casa, o que acaba dificultando o acesso daqueles que já dispõem de tão pouco tempo livre. Sobre essa questão, uma moradora do Setor Garavelo destacou: “Eu penso que deveria ter mais destes parques espalhados pela grande cidade [...], se tivesse lá em Aparecida¹ eu não precisava me deslocar essa longa distância. Como lá não tem, prefiro vir para cá”. Como essa moradora, as pessoas acabam por desenvolver formas

¹ Aparecida de Goiânia é uma das cidades que integram a Região Metropolitana de Goiânia, com uma população de 455.657 pessoas, de acordo com o Censo do IBGE (2010). O município ainda não possui parques no formato implantado em Goiânia, com lagos e variedades de equipamentos (para a prática de ginástica, pista de caminhada, parque infantil etc.).

alternativas de lazer, pensamento este que corrobora o que diz Ferreira (2007, p. 42) sobre as práticas do lazer de moradores de bairros periféricos:

O lazer periférico, apropriando-se de terrenos vazios, campos de várzea, ruas de pouco movimento etc., supre a ausência de espaços projetados e mantidos pelo poder público com improviso. A precariedade do espaço (sub)urbanizado limita as possibilidades de uso pela população; no entanto a necessidade de encontrar alternativas leva a população a transgredir o uso das ruas, de terrenos baldios, de praças abandonadas. Criam-se assim as condições para a “prática” do lazer.

O tempo é raro principalmente nas grandes cidades, onde há perda dele durante os demorados deslocamentos. Como o transporte público é ineficiente, sobra pouco espaço nas ruas para tantos automóveis e motocicletas que diariamente disputam cada metro das vias de circulação, transformando a cidade em um aglomerado de poluição, correria e estresse. Poucos espaços públicos destinados ao lazer, aliados à dificuldade de acesso da maioria, fazem com que a apropriação de parques urbanos como espaços de lazer seja dificultada para muitos.

Outros elementos importantes para uma compreensão mais ampla do lazer são as “manifestações culturais” e a “atitude”. Esses elementos estão relacionados às práticas cotidianas e às representações dos sujeitos que as vivenciam. Refere Gomes (2008, p. 5):

O lazer representa um fenômeno sociocultural que se manifesta em diferentes contextos (histórico, social, político, etc) de acordo com os sentidos/significados que são produzidos e reproduzidos por meio de relações dialéticas dos sujeitos nas suas relações com o mundo.

Ao se observar que tipo de atividades de lazer as pessoas desenvolvem e o que essas práticas significam para elas, pode-se compreender esse aspecto intangível, simbólico do lazer. Assim explica Dumazedier (2000, p. 143):

A cultura vivida, em certos aspectos, é o modo como uma sociedade ou um indivíduo se comportam e é no estudo desse processo que se poderá reencontrar os modelos, a representação e os valores que formam as camadas do campo cultural. Essas camadas ligam-se aos tipos de conhecimento prático, técnico, artístico e filosófico.

Os modelos, as representações e os valores da sociedade são manifestos nas atitudes dos indivíduos, já que a prática é originada de uma determinada concepção, conhecimento ou ideologia. Assim como a arte expressa a cultura do artista, as práticas expressam os valores culturais que as inspiram. O lazer passa, dessa forma, a ser a expressão de uma cultura, que, se analisada pelas práticas de lazer, pode revelar aspectos de outras dimensões da vida humana.

1.3 O lazer e a Cidade

Para uma análise da apropriação do Parque Flamboyant por parte da população goianiense, deve-se levar em conta o significado que o Parque adquiriu para seus visitantes e frequentadores. Tornam-se relevantes, para esta análise, considerações sobre a paisagem urbana e os elementos da dinâmica social nela expressos. De acordo com Cavalcanti e Morais (2011, p. 17), quando se observa uma paisagem, “é possível ir mais longe e verificar o acesso aos lugares e seus usufrutos pelos diversos sujeitos, articulando as práticas e seus sentidos (não só os fisicamente experimentados, também os imaginados, os representados)”. É primordial aqui a questão do acesso ao lugar e sua incorporação no cotidiano do indivíduo. Para Oliveira (2007, p. 183), a noção de lugar “está vinculada ao sentido do uso revelado pela identidade, que se realiza no plano local e produz o seu reconhecimento do lugar. Em outras palavras, a identidade vinculada pela relação habitante lugar é mediada pelo uso”. Sendo assim, só há um reconhecimento do lugar quando se tem acesso a este lugar e se utiliza dele. Nessa perspectiva, os diversos usos observados no Parque Flamboyant demonstram a relação homem-meio e o significado que essa relação imprime na identidade do indivíduo.

Além dos elementos sociais para o estudo da apropriação do parque e usos para lazer, também é importante levar em consideração os aspectos históricos, sociais e políticos, já que o lazer está inter-relacionado com outros aspectos da vida humana. Esses aspectos possibilitam ao pesquisador uma análise mais ampla do seu objeto de pesquisa, permitindo-o perceber o que está por trás das ações do cotidiano. Sobre a importância de se levar em consideração esses aspectos no estudo do lazer, Werneck, Stoppa & Isayama (2001, p. 10) afirmam que é fundamental

[..] considerar o lazer como um objeto social e historicamente constituído, intimamente relacionado à cultura, abarcando possibilidades e experiências amplamente diversificadas para homens e mulheres de diferentes faixas etárias, grupos e classes sociais, credos e etnias.

Nessa perspectiva, conclui-se que a análise ganha amplitude quando se faz uma revisão histórica, social e política ao se estudar a apropriação e os usos para lazer. Considerando que vivemos em uma sociedade injusta, onde reina a supremacia do mercado em detrimento do desenvolvimento social, o lazer pode ser visto como tempo para se dedicar à política. Para Mascarenhas (2004, p. 14), no contexto atual, “o lazer passa a ser entendido como tempo e lugar de construção da cidadania e exercício da liberdade”, potencializando o desenvolvimento de ações de grupos e movimentos sociais, ou o desenvolvimento de

programas, propostas e novas políticas de lazer que visem à participação, à cidadania e à transformação social.

No mesmo sentido, Werneck, Stoppa & Isayama (2001, p. 69) afirmam:

O lazer pode colaborar com a construção de uma nova realidade, desde que não seja considerado como um fenômeno isolado, mas como um dos elementos que integram uma complexa trama de interações de naturezas diversas. Assim, o lazer passa a ser promessa não pela lógica do mercado, mas originado de uma experiência cidadã, ampliando as chances de que as práticas de lazer constituam canais de resistência, mobilização e engajamento político. Neste âmbito, todas as pessoas, grupos e instituições passam a ter a responsabilidade de pensar em novas fórmulas mais solidárias e incluídas para todas as dimensões de nossa vida social e cultural, e não apenas para o lazer, como uma de suas estâncias fráguas.

A experiência do lazer causaria, desse modo, mudanças nas outras dimensões da vida, contribuindo para o desenvolvimento e aplicação de práticas solidárias e incluídas. Seria o parque público um espaço adequado para a construção dessa cidadania e exercício da liberdade, ou um meio de exercer efeitos inibidores nas pessoas? Rapoport (1978, p. 17 apud PINA, 1996, p. 36) afirma que “o meio ambiente construído exerce efeitos inibidores sobre as pessoas; esses efeitos, sob determinadas condições e para determinadas pessoas como idosos, enfermos, crianças, podem chegar a níveis realmente críticos”.

As regras de uso do espaço, tanto as visíveis (Figura 1), como as placas e as cercas, quanto as invisíveis (práticas e ideologias dominantes, pressões sociais e culturais), compõem a paisagem do Parque Flamboyant, podendo contribuir para a livre manifestação ou inibir as manifestações consideradas “impróprias” pela sociedade, ou pelos detentores do poder.

Uma questão que está ganhando cada vez mais força na sociedade e que está relacionada ao lazer é a busca pela qualidade de vida. Em uma sociedade onde o tempo é quase todo dedicado ao trabalho e outros tipos de obrigações, o tempo livre passa a ganhar cada vez mais importância, sobretudo quando se leva em consideração a busca pela qualidade de vida e pelo bem-estar dos indivíduos.



Figura 1 – Parque Flamboyant: placas de orientação e conscientização. Fotografia do autor (7 jul. 2010).

Davim et al. (2003, p.19), em um estudo sobre o lazer diário como fator de qualidade de vida para um grupo da terceira idade, constataram que o lazer e o bem-estar contribuem para a qualidade de vida, ajudando a solucionar problemas e manter o equilíbrio mental. Para esses autores, “quando se participa de atividades de lazer, podem-se estabelecer relações com o meio ambiente e com o mundo, condição esta que favorece o inter-relacionamento das pessoas, contribuindo, de certa forma, para se viver melhor e para o bem-estar de cada um” (DAVIM et al., 2003, p. 21). O lazer pode, dessa forma, contribuir para o bom relacionamento do homem com a natureza, para o desenvolvimento de novas formas de sociabilidade e de uma vida com mais qualidade e saúde.²

Na pesquisa de campo, muitos dos entrevistados relataram que se sentem melhor fisicamente e mentalmente ao respirarem o ar puro, ao realizarem atividades físicas, ao

² “A Organização Mundial de Saúde (OMS) define saúde não apenas como a ausência de doença, mas como a situação de perfeito bem-estar físico, mental e social” (SEGRE; FERRAZ, 1997). Apesar de controversa, esta definição nos leva a entender a saúde de forma mais ampla, possibilitando-nos, por exemplo, considerar os impactos do lazer no bem-estar do indivíduo, e portanto, para sua saúde.

contemplarem a natureza, ao se sociabilizar, descansar, divertir-se. Um dos entrevistados afirmou:

O Parque Flamboyant é um ambiente em que as pessoas vêm para praticar um esporte, uma atividade física ao ar livre, passear em um lugar livre e arejado, encontrar as pessoas [...], eu acho importante essa socialização, conhecer novas pessoas e respirar um pouco de ar puro.

Se for considerado que o lazer propicia condições de recuperação das condições físicas, psicológicas e de desenvolvimento pessoal e social, pode-se concluir que ele é fundamental para que se tenha saúde. Nesse sentido, Surdi e Tonello (2007, p. 224) afirmam que o lazer e a saúde estão intimamente relacionados, “não há como separá-los em nosso cotidiano, pois sem um não teremos o outro em pleno vigor”.

Entender o lazer apenas como um fragmento insignificante da vida cotidiana é limitar a possibilidade de compreensão mais ampla da sociedade, deixando de lado questões importantes que envolvem o lazer, tais como a cultura, a identidade, a história, aspectos históricos, sociais e políticos, a saúde e a qualidade de vida. Por se tratar de uma área ainda pouco estudada, muito trabalho falta ser feito para se chegar a uma compreensão teórica acerca do lazer na cidade.

CAPÍTULO 2

PARQUE FLAMBOYANT COMO ESPAÇO DE LAZER

Ainda que analisemos o Parque Flamboyant como um espaço de lazer, não se deve esquecer que um parque urbano pode ser visto de outras perspectivas. Por exemplo, é possível ser tomado como um espaço de preservação ambiental, um lugar de convívio, de sociabilidade, um atrativo turístico, um espaço de segregação, de especulação imobiliária, ou sob inúmeros outros olhares do ponto de vista econômico, social, político e biológico.

Pensar em um parque sob a perspectiva do lazer não exclui outras abordagens, uma vez que a busca pela totalidade, pelo complexo, pelo urbano, parte dos múltiplos recortes estudados pelas ciências parcelares, conforme destaca Lefebvre (1999, p. 53), ao dizer que “o fenômeno urbano se apresenta, desse modo, como realidade global (ou, se se quer assim falar: total) implicando o conjunto da prática social”. Dessa forma,

[...] sem esses múltiplos recortes e fragmentações, é impossível conceber a ciência do fenômeno urbano. Entretanto, os fragmentos não constituem um conhecimento. Cada descoberta no âmbito das ciências parcelares permite uma análise nova do fenômeno total. (LEFEBVRE, 1999, p. 54).

Assim, para esta análise do Parque Flamboyant como espaço de lazer, deve-se levar em conta o aspecto político. Apesar de sabermos que “democratizar o lazer implica [...] democratizar o espaço” (MARCELLINO, 2001, p. 57), isto ainda é algo pouco comum em nossas cidades, onde o espaço público é tratado como um bem econômico, disputado e dominado por grupos hegemônicos, deixando à margem a maioria da população desfavorecida. Essa situação demonstra a segregação na metrópole, vista nas suas formas que revelam, ou ocultam, seus conteúdos contraditórios.

2.1 Os Parques Municipais de Goiânia

Atílio Côrrea Lima projetou a cidade de Goiânia na década de 1930 e

[...] com muita propriedade adotou a solução de proporcionar à cidade um cinturão verde de proteção ambiental e o máximo possível de espaços livres. Obedecendo ao critério moderno, Atílio prevê um sistema de áreas verdes com a função higienizadora e recreativa correspondendo a 14% da área total. (AMMA, 2008, p. 64).

Apesar de ter sido planejada para ser uma cidade com muitas áreas verdes, no decorrer dos anos, Goiânia ganhou novos loteamentos em torno do seu Plano Original, de forma que áreas públicas foram invadidas pela população, a reboque de agentes imobiliários ou não, levando à degradação de vários dos espaços destinados ao lazer e proteção ambiental, contidos no plano original.

A partir de 2005, o governo do prefeito Iris Resende Machado implantou parques com vistas a confirmar o discurso de que Goiânia é a capital mais verde do país, mais arborizada e com melhor qualidade de vida. O fato é que essa onda de valorização do “verde” na cidade não é recente, uma vez que desde a fundação da cidade vem sendo pregada. De acordo com a AMMA (2010), Goiânia conta hoje com 209 Unidades de Conservação (UC),³ com área total geral de 17.177.193,74 m². Desse total de UC, 30 são consideradas (em março de 2012) pela Prefeitura como Parques.⁴ Até 2004 Goiânia contava com sete parques: Parque Areião, Parque Botafogo, Parque Vaca Brava, Lago das Rosas, Bosque dos Buritis, Parque Gentil Meireles e Jardim Botânico. No período de janeiro de 2005 a março de 2012, foram revitalizados seis dos parques existentes na cidade, e inaugurados 23 novos parques, passando Goiânia a ter 30 parques urbanos. Os parques inaugurados nesse período foram: Bosque Deputado José Eduardo de S. Nascimento (Parque das Amendoeiras), Parque Taquaral, Parque Liberdade, Bosque do Café, Parque Municipal Sabiá, Parque Municipal Flamboyant Lourival Louza, Parque Municipal Beija-Flor, Bosque Bougainville Padre Cesário da Silva Galvão, Parque Municipal Fonte Nova, Parque Municipal da Lagoa – João Carlos Fernandes de Oliveira, Bosque Boa Vista, Parque Municipal Itatiaia, Parque Nossa Morada, Bosque Índia Diacuí, Parque Municipal Cascavel – 1ª Etapa, Parque Municipal Carmo Bernardes, Bosque das Laranjeiras, Parque Municipal Jerivá João Bosco Gomes Louza, Parque Municipal Campininha das Flores, Parque Municipal Bernardo Élis, Parque Municipal Curitiba, Parque Municipal Baliza e Parque Leonídio Di Ramos Caiado.

O mapa (Figura 2) mostra que os espaços públicos de lazer (parques) inaugurados antes de 2005 se concentravam na região central da cidade, em bairros como o Setor Central, Setor Leste Vila Nova, Setor Bueno, Jardim América, Conjunto Gentil Meirelles, Setor Oeste,

³ Entende-se como UC um “espaço territorial e seus recursos ambientais, incluindo as águas jurisdicionais, com características naturais relevantes, legalmente instituído pelo Poder Público, com objetivos de conservação e limites definidos, sob regime especial de administração, ao qual se aplicam garantias adequadas de proteção” (Lei nº 9.985 de 18 de julho de 2000). Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19985.htm>. Acesso em: 7 abr. 2012.

⁴ Conceito de Parque: “Parque urbano: É uma área verde, com função ecológica, estética e de lazer, no entanto com uma extensão maior que as praças e jardins públicos” (LIMA, 1994 apud LOBODA; DE ANGELIS, 2005).

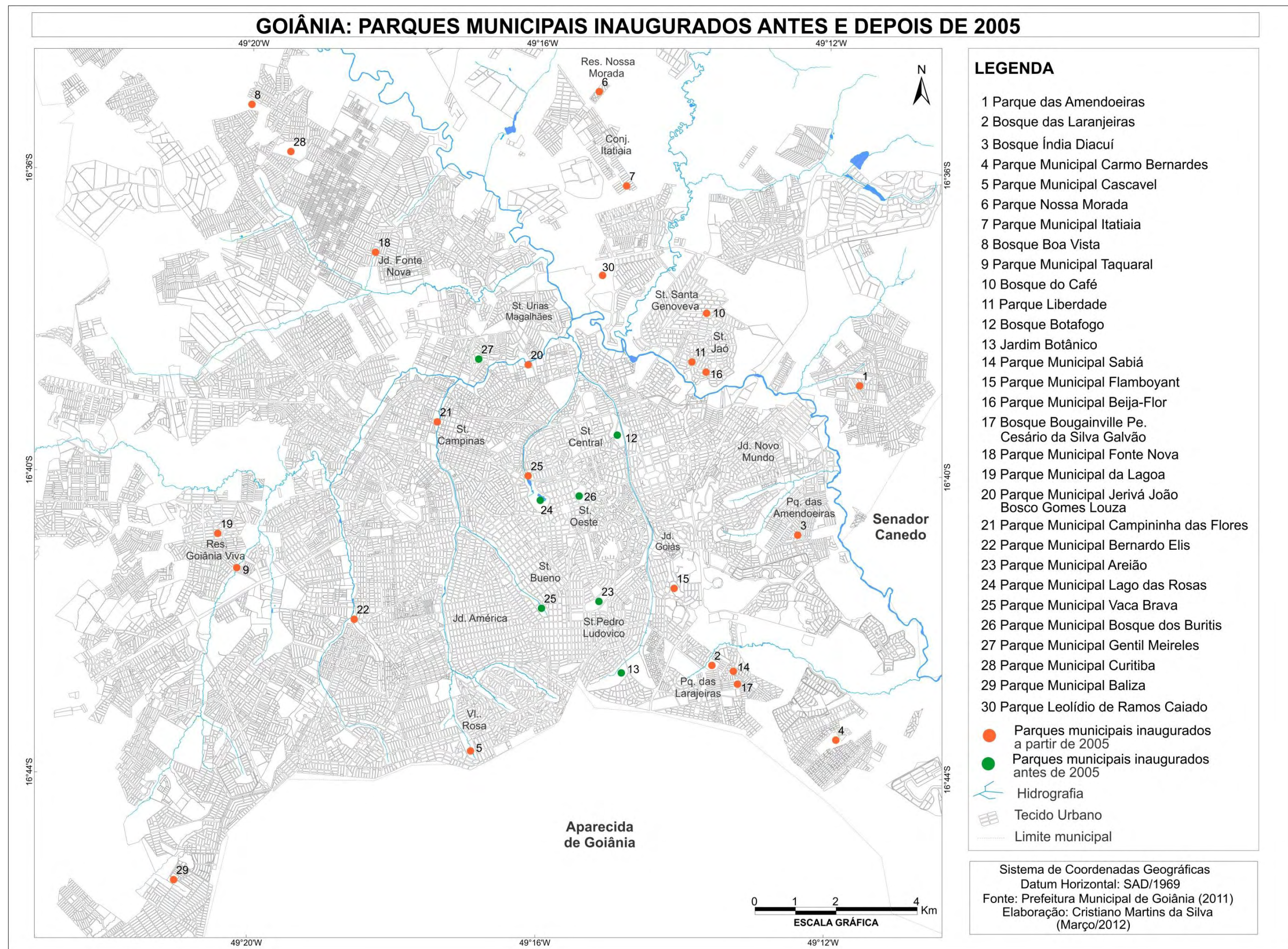


Figura 2 – Mapa: Goiânia – Parques municipais inaugurados antes e depois de 2005. Elaboração: Cristiano Martins da Silva (mar. 2012).

Setor Marista, Setor Sul e Setor Pedro Ludovico. Com a implantação de novos parques depois de 2005 houve uma descentralização dos parques para bairros mais periféricos, como por exemplo, o Jardim Baliza na região sudoeste e o Parque Nossa Morada na região norte da cidade.

Apesar da melhoria na distribuição espacial, a estrutura dos parques de áreas centrais da cidade é bem melhor que a de bairros periféricos, dispondo de mais equipamentos de lazer e mais investimentos por parte do poder público. Tomemos por exemplo o Parque Sabiá (Figura 3), localizado entre a Alameda dos Rouxinóis, Ruas Sabiá e Nossa Senhora do Carmo no Parque das Laranjeiras, bairro da Região Sudeste da cidade. Inaugurado em junho de 2007, o Parque possui uma área de 32.111,27 m² (AMMA, 2010).

Em visita ao Parque Sabiá, verificamos o seguinte: a) o parque possui uma área pequena, mais parece uma praça; b) o número de equipamentos (parque infantil, equipamentos de ginástica, bancos, campos de futebol) é muito reduzido, possui pouca variedade; c) percebe-se o descuido da Prefeitura em relação à conservação do Parque (bancos quebrados, equipamentos enferrujados, placas danificadas por vândalos); d) o parque não possui placas de orientação ou de advertência (as únicas placas existentes são a de fundação e a que possui o nome do parque); e) o parque não possui sede administrativa, nem guardas, nem funcionários fixos da prefeitura responsáveis pela manutenção, diferentemente do que acontece no Parque Flamboyant.

Outro exemplo é o Parque Carmo Bernardes (Figura 4), localizado entre a Rua 105, Rua 29, Rua 205 e Avenida Parque Atheneu no Parque Atheneu e Jardim Mariliza, Região Sudeste da cidade.

Inaugurado em novembro de 2009, com área de 235.151,55 m² (AMMA, 2010), o parque possui pista de caminhada, caminhos internos, estações de ginástica, campo de futebol, parques infantis, mobiliários urbanos (bancos e coletores de lixo), pontes, lagos, sede administrativa, cercamento da mata e recomposição florística e paisagística. Apesar de possuir diversidade de equipamentos, estes são em pequeno número e de qualidade discutível. Por exemplo, os parques infantis possuem poucos brinquedos, as estações de ginástica contam com pouca opção de aparelhos, o campo de futebol está em péssimas condições, a água dos lagos está visivelmente poluída e com baixo nível de profundidade. A iluminação interna do parque é deficiente, não existem placas de sinalização (com exceção da placa de fundação e da placa com o nome do parque) e apenas três guardas no período diurno e dois no período noturno fazem a vigilância. A sensação de insegurança e o descuido do poder público para com o local são marcantes.



Figura 3 – Parque Sabiá: equipamentos e conservação. Fotografias do autor (4 jun. 2012).

Assim como o Parque Sabiá, há nas margens do parque residências simples típicas da classe C. O parque está incrustado no meio dos bairros, onde as casas são separadas do espaço público por ruas estreitas. Não há o desenvolvimento de construções verticalizadas nas proximidades destes parques, contrastando com a realidade encontrada em parques localizados em bairros centrais, como o Parque Flamboyant.



Figura 4 – Parque Carmo Bernardes. Fotos do autor (4 jun. 2012).

Em um momento da supervalorização imobiliária, os parques na cidade de Goiânia se despontam como elementos que agregam capital. Apesar de não se perceber nestes dois exemplos de parques localizados em bairros periféricos, parques têm se tornado um grande investimento, uma vez que o terreno a seu redor vira alvo de construtoras que utilizam os parques como um atrativo para seus clientes, vendendo vista privilegiada e “qualidade de vida”. Neste contexto foi inaugurado no Jardim Goiás, área nobre da cidade, em 15 de setembro de 2007, o Parque Flamboyant, espaço público, segundo o poder público, destinado ao lazer e à preservação ambiental.

2.2 Implantação do Parque Flamboyant⁵

A área que se tornou o Parque Flamboyant foi criada na aprovação do parcelamento do Jardim Goiás, pelo Decreto nº 18 de 22 de setembro de 1950. Em 1981, a unidade de

⁵ Esta parte do capítulo, de caráter mais descritivo, visa contextualizar o Parque Flamboyant do ponto de vista histórico, político e econômico.

conservação foi ratificada pelo remanejamento do Setor Jardim Goiás como “Parque F”, pelo Decreto nº 655, de 15 de outubro de 1981.

Em 10 de junho de 1962, um grupo de empresários, intelectuais e políticos goianos fundou o Automóvel Clube de Goiás, como consta na Ata de Fundação publicada no *Diário Oficial do Estado de Goiás*, do dia 29 de julho de 1962, em área da unidade de conservação doada pelo empresário Lourival Louza, como consta na escritura pública de doação, de 11 de setembro de 1962.⁶ Nesta época não havia densidade na ocupação da região circunvizinha ao parque (Figura 5).



Figura 5 – Imagem aérea do Parque Municipal Flamboyant Lourival Louza em 1968. Fonte: AMMA (2008).

A área foi doada, apesar de se tratar de uma unidade de conservação no ato do parcelamento do Jardim Goiás. Posteriormente, o empresário tentou reaver a área alegando que o Automóvel Clube de Goiás não cumpriu com as condições do contrato assinado em 1962, que determinava que a organização deveria construir a sede social e demais instalações no prazo de dois anos a contar da data da escritura e terminá-las no prazo de cinco anos, prorrogáveis a critério dos doadores.

⁶ Estas informações foram extraídas de cópias dos documentos originais disponíveis na Secretaria de Planejamento do Município de Goiânia (SEPLAM).

Nas décadas de 1970 e 1980, o Jardim Goiás recebeu importantes investimentos, como o Estádio Serra Dourada, em março de 1975, e o Shopping Flamboyant, em outubro de 1981. De acordo com Rosa (2011, p. 231), esses e outros grandes equipamentos reconfiguraram a dinâmica do Setor, criando uma nova centralidade em Goiânia.

A área de 87.332,00 m², situada ao lado do Automóvel Clube de Goiás, foi doada pelo Sr. Lourival Louza, e seu filho Lourival Louza Júnior, para o município de Goiânia em 19 de março de 2004,⁷ mesmo ano em que o empresário, o pai, morre (em 16 de outubro de 2004). Segundo os doadores, a finalidade da doação foi a implantação do futuro Parque. Ainda no ato da doação, os doadores se comprometeram a arcar com os custos dos projetos de arquitetura e paisagismo. Não se tratou apenas de uma doação, mas sim de uma troca. Na ocasião, a Prefeitura também realizou uma permuta, nos termos dos artigos 30 e 31 da Lei Complementar 31/094, transferindo outras áreas públicas no mesmo setor ao empresário (3.500 m² da quadra B-27, quadra esta que possui área total de 7.438,01m², em troca de parte – 8.000 m² da quadra B-31), além do direito de construir (habitações coletivas nas quadras C-1; C-2; C-6 e C-8). O motivo alegado para a permuta da área está relacionado à construção de edifícios na quadra B-31, que atingiram a nascente do Córrego Sumidouro que extrapolava a área destinada ao parque, incentivando, dessa forma, o redimensionamento da área (Figura 6).

Em 1º de novembro de 2004, a Prefeitura, representada pelo então prefeito professor Pedro Wilson Guimarães, cedeu à Tecpav Tecnologia e Pavimentação Ltda. área imóvel de sua propriedade (3.938,01 m² da Quadra B-27). Em contrapartida, a empresa se comprometeu a aplicar o valor de R\$ 2.000.000,00 (dois milhões de reais) visando executar parte das obras de implantação do Parque Flamboyant.

Juntamente com o discurso da preservação ambiental, do lazer e da melhoria de qualidade de vida para a população, houve um crescente aumento de interesse de construtoras pelas terras ao redor do Parque, antes desvalorizadas e pouco habitadas. Esse crescimento pode ser notado diante do número de novos empreendimentos imobiliários que chegaram à região do Parque. De 2000 a 2005, o número de contribuintes residentes em prédios no Jardim Goiás cresceu 58%. Em 2001 eram 2.376 contribuintes que pagaram IPTU, e em 2005, 3.752 contribuintes, conforme publicado pelo jornal *Diário da Manhã*⁸.

⁷ O Instrumento de Doação de Área e a transferência do direito de construir foram publicados no *Diário Oficial* do Município em 13 abr. 2004.

⁸*Diário da Manhã*, Goiânia, 14 nov. 2005.

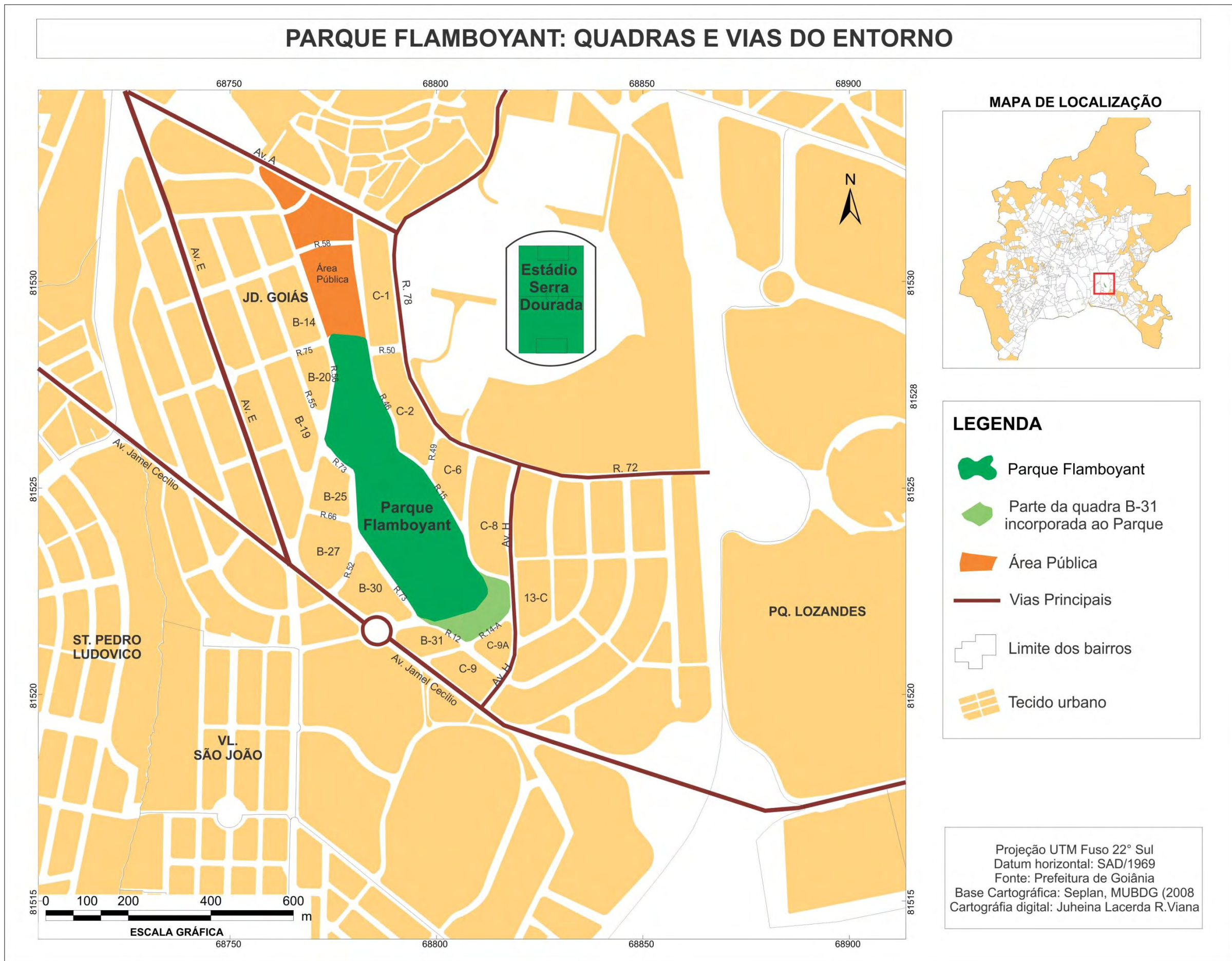


Figura 6 – Mapa: Parque Flamboyant: quadras e vias do entorno. Elaboração: Juheina Lacerda R. Viana (jun. 2012).

As terras ao redor do parque tornaram-se supervalorizadas, e o crescimento vertical foi vertiginoso, com a venda do conceito de “qualidade de vida” e “paisagem”, como verdadeiros produtos possíveis em virtude da proximidade ao Parque. Quanto melhor a vista do Parque (Figura 7), maior o preço dos apartamentos, constituindo um verdadeiro cinturão, onde a classe de mais alta renda da sociedade pode usufruir deste espaço público como se fosse seu próprio quintal.

A Construtora TCI Ímpar aposta na proximidade do Parque como seu principal atrativo, o que é demonstrado no *slogan* de seu material publicitário: “Vista única de um parque que é música para seus olhos”. A Construtora apresenta seu mais novo lançamento, o *Premier Unique*, um edifício moderno com 68 unidades que variam de 167,65 a 169,10 m² e que custam entre R\$ 760.000,00 e R\$ 820.000,00. Os apartamentos, que segundo a construtora⁹, deverão ser entregues em março de 2013, já estão praticamente vendidos, restando apenas quatro unidades, fato que demonstra o mercado imobiliário aquecido nesta região.



VARANDA PARQUE GOURMET
VISTA ÚNICA DE UM PARQUE QUE É MÚSICA PARA SEUS OLHOS

Figura 7 – Material publicitário da Construtora TCI Ímpar

Outro edifício é o *Vista Parque Flamboyant* (Figura 8), lançamento da Consciente Construtora e Incorporadora e Bambuí Empreendimentos. O *slogan* para a venda do prédio é “295 m de vista permanente para o Parque Flamboyant”. Esse *slogan* demonstra o impacto do

⁹ Dados informados por uma vendedora representante da Construtora TCI Ímpar, através de ligação telefônica realizada em 05 de junho de 2012.

parque como valor agregado ao empreendimento. Segue trecho de material publicitário da Consciente Bambuí¹⁰ que descreve a localização do Vista:

Descubra como é agradável viver em frente ao parque mais desejado da cidade e ainda ter, a poucos metros de casa, toda a diversidade de conveniências que o Complexo Flamboyant oferece. Carrefour, Wal Mart, Shopping Flamboyant, Centro Cultural Oscar Niemeyer. Tudo cercado por grandes avenidas e vias de acesso que facilitam ainda mais a sua vida.

O *Vista* Flamboyant possuirá duas torres: a Torre Parque e a Torre Flamboyant. Os preços dos apartamentos (de 134,48 m² a 173,58 m²) variam de R\$ 666.240,00 a R\$ 805.282,00 na Torre Flamboyant e dos apartamentos (de 181,25 m² a 191,47 m²) na Torre Parque, de R\$ 877.651,00 a R\$ 927.138,00.



Figura 8 – Vista Parque Flamboyant. Fonte: Adão Imóveis¹¹

A chegada destes e de outros grandes empreendimentos demonstra o impacto que o Parque Flamboyant tem gerado desde o início de sua implantação na dinâmica socioespacial e econômica da região do Jardim Goiás.

Em 31 de outubro de 2005, a Prefeitura de Goiânia lançou o projeto de construção do Parque, que foi inaugurado em 15 de setembro de 2007, em um evento marcado por várias apresentações artísticas e culturais. A estrutura criada demonstrou o esforço do poder público e do setor privado em promover aquela área, atraindo a atenção dos investidores e dos futuros moradores. O Parque Flamboyant passa a ser desde então divulgado como um novo cartão-postal para a cidade de Goiânia, um dos símbolos do discurso da qualidade de vida na capital.

A seguir, seguem fotos e imagens de satélite que permitem ver como se deu a ocupação da região do entorno do Parque Flamboyant. Na Figura 9, juntamente com a

¹⁰ Disponível em: < www.vistaflamboyant.com.br>. Acesso em: 5 jun. 2012.

¹¹ Disponível em: < adaoimoveis.com.br/empreendimento/Vista+Parque+Flamboyant/116>. Acesso em: 5 jun. 2012.

construção do Estádio Serra Dourada aparece um número aumentado de residências nos bairros vizinhos ao Jardim Goiás. Já na Figura 10 nota-se o aparecimento do Shopping Flamboyant e de algumas construções no Setor, sobretudo às margens da Avenida E. Na Figura 11 percebe-se o crescimento do número de imóveis e da verticalização no Setor, principalmente às Margens da Avenida E.

Em 2002 (Figura 12), apesar de a maioria das ruas ainda não possuir asfalto e de ser grande o número de terrenos baldios, nota-se considerável ocupação, sobretudo comercial, da Avenida Jamel Cecílio e da Avenida E. Já em 2007 (Figura 13), após a inauguração do Parque Flamboyant, verificam-se, além do asfaltamento das ruas do Jardim Goiás, alguns edifícios novos e outros em construção, sobretudo nas quadras localizadas entre o parque e a Avenida Jamel Cecílio e a Avenida E. Alguns edifícios aparecem também entre o parque e a BR-153.

Nos anos posteriores à inauguração do Parque Flamboyant, nota-se o aumento do número de edifícios localizados nas quadras entre o parque e a Avenida Jamel Cecílio e a Avenida E, além do início de obras na outra margem, entre o Parque e o Estádio Serra Dourada (Figura 14).



Figura 9 – Imagem aérea do Parque Municipal Flamboyant Lourival Louza em 1975. Fonte: AMMA (2008).



Figura 10 – Imagem aérea do Parque Municipal Flamboyant Lourival Louza em 1986. Fonte: AMMA (2008).

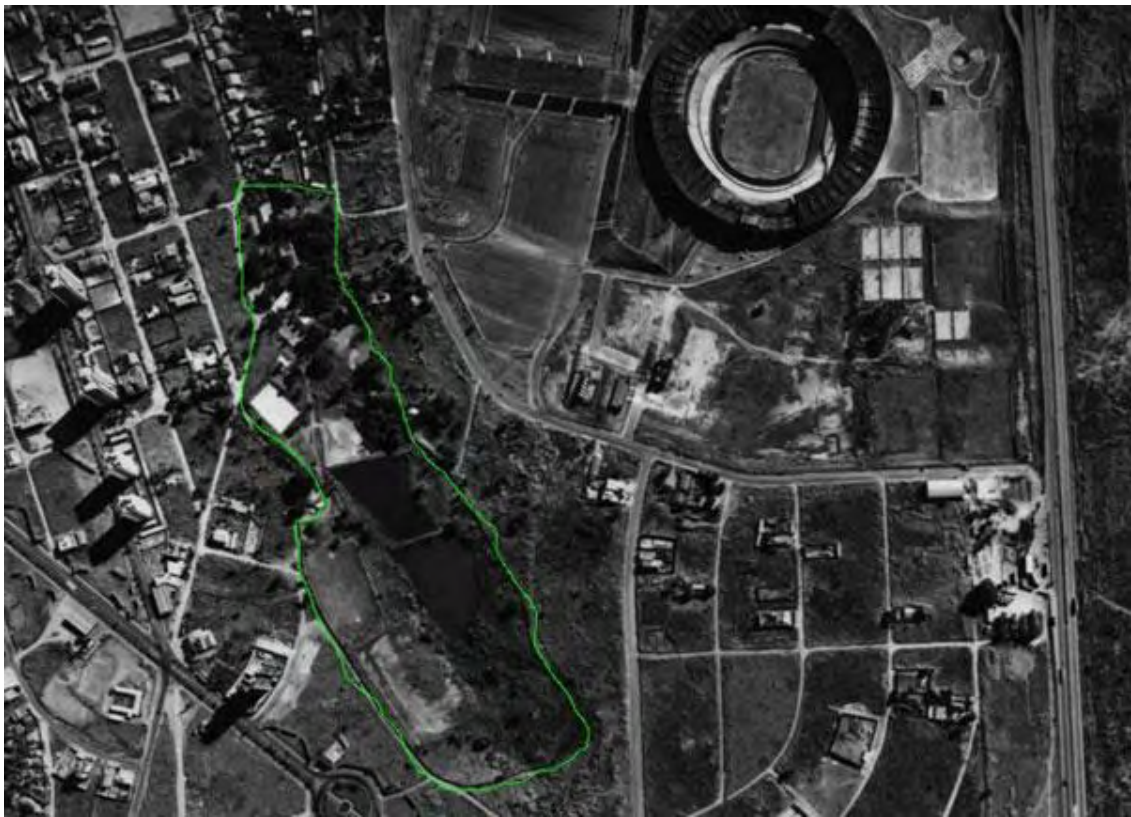


Figura 11 – Imagem aérea do Parque Municipal Flamboyant Lourival Louza em 1991. Fonte: AMMA (2008).



Figura 12 – Imagem de satélite da região do Parque Flamboyant em 2002. Fonte: Google, 2010.¹²



Figura 13 – Imagem de satélite da região do Parque Flamboyant em 2007. Fonte: Google, 2010.¹³

¹² Google Maps. Disponível em: <<http://maps.google.com.br>>. Acesso em: 14 jul. 2010.

¹³ Google Maps. Disponível em: <<http://maps.google.com.br>>. Acesso em: 14 jul. 2010.



Figura 14 – Imagem de satélite da região do Parque Flamboyant em 2012. Fonte: Google, 2012.¹⁴

De acordo com dados do *Anuário Estatístico de Goiânia* (2010),¹⁵ no Jardim Goiás, setor onde o Parque se localiza, há 1.122 imóveis prediais, 871 imóveis territoriais distribuídos em suas 133 quadras, com 1.543.243 m² de área de terreno predial e 796.468 m² de área de terreno territorial. Atualmente, o Jardim Goiás é um dos setores mais valorizados da cidade, tendo o entorno do Parque como um dos principais filões imobiliários da cidade.

2.3 Características e Equipamentos do Parque

O Parque Flamboyant localiza-se no setor Jardim Goiás, entre as ruas 46, 15, 12, 55, 56, 73, 58 e Avenida H. Possui área de 125.572,71 m² e 1.937,53 m de perímetro. Importante espaço público da cidade, o Parque localiza-se próximo de empreendimentos como o Shopping Flamboyant, Supermercado Carrefour Sul, Supermercado Wal-Mart, Estádio Serra

¹⁴ Google Maps. Disponível em: <<http://maps.google.com.br>>. Acesso em: 30 maio 2010.

¹⁵ Disponível em: <http://www.goiania.go.gov.br/shtml/seplam/anuario_seplam/anuario.html>. Acesso em: 30 maio 2012.

Dourada, McDonald's, Home Center Tend Tudo, dentre outros. Esses empreendimentos contribuíram para a formação de uma centralidade no Setor, em virtude de sua capacidade aglutinadora de pessoas.

Até 2006, a área do Parque continha algumas edificações pertencentes ao Antigo Automóvel Clube de Goiás: duas quadras de futebol, uma piscina de adulto, uma piscina infantil. Após a implantação do parque em 2007, a área passou a contar com os seguintes equipamentos (Figuras 16 e 17): pórticos de acesso, pista de bicicleta, pista de caminhada, caminhos internos, estações de convivência, sede administrativa, núcleo ambiental, espaço cultural e atividades esportivas, estacionamentos para carro e ônibus, estares contemplativos com pergolados e mirante, belvedere, pontes, fonte contemplativa, bica d'água, mobiliários urbanos (bancos, bebedouros, telefones públicos, coletores de lixo, estacionamento para bicicleta), parque infantil e iluminação (externa e interna). O parque conta com quatro agentes da Guarda Municipal no período diurno e quatro agentes no período noturno. Além desses, o Parque também conta com dez funcionários para serviços gerais e com o gerente do Parque. Ainda referente à infraestrutura, existem cinco espaços reservados para ambulantes móveis, que vendem diversos produtos, tais como água mineral, água de coco, e lanches variados.

Para a gestão do Parque Flamboyant foi elaborado o Plano de Manejo em 2007. Este Plano define, dentre outras ações, o zoneamento (Figura 15), que regulariza o uso do espaço em consonância com os interesses de conservação. De acordo com o Plano, o Parque está dividido em zonas de proteção integral (ZPI), zonas de uso intensivo (ZUI), zonas de uso restrito (ZUR), zonas de recuperação (ZR) e lagos (AMMA, 2007).



Figura 15 – Zoneamento Ambiental do Parque Flamboyant. Fonte: AMMA (2007).

Os guardas municipais, juntamente com o gerente do Parque, são os responsáveis por fazer cumprir o Plano de Manejo, bem como fiscalizar os usuários quanto ao uso correto das áreas permitidas pelo Zoneamento Ambiental. Na prática, em entrevista, o gerente do Parque não demonstrou domínio do conteúdo do Plano de Manejo, assim como informou que os guardas não recebem treinamento específico para atuarem no Parque, desconhecendo o Plano de Manejo e o zoneamento.

Algumas ações propostas no Programa de Manejo de Uso Público, que consta no plano de manejo elaborado em 2007, ainda não foram desenvolvidas, como pode ser visto no Quadro 1.



Figura 16 – Equipamentos do Parque Flamboyant. Fotografias do autor (1º set. 2010).



Figura 17 – Equipamentos do Parque Flamboyant - 2. Fotografias do autor (7 set. 2010).

Quadro 1 – Ações propostas no Programa de Manejo de Uso Público do Parque Flamboyant ainda não desenvolvidas.

Ações
Estabelecer parceria voluntária com grupo de escoteiros e organizações não governamentais, dentre outros.
Elaborar, em conjunto com a coordenação do parque, materiais informativos e educacionais.
Elaborar políticas de atendimento e recepção ao público.
Elaborar um plano de comunicação do Parque Flamboyant.
Elaborar um folheto com direitos e restrições de visitantes e guardas.
Designar os dez guardas ambientais responsáveis pela segurança do Parque (o parque só conta com oito guardas).
Designar quatro monitores para orientação dos frequentadores do parque (não existe nenhum monitor).
Familiarizar todo o pessoal do parque com suas responsabilidades e funções (o pessoal não recebe nenhum tipo de treinamento específico).
Implementar o Plano de Manejo e revisá-lo periodicamente.

Elaborar regimento interno (o gerente do parque não conhece este regimento, mas afirma que já foi elaborado pela diretoria de unidades de conservação da AMMA).

Promover a participação dos moradores e trabalhadores do entorno na vigilância e monitoramento do Parque Flamboyant.

Elaborar um protocolo de recomendações para controle de poluição, emissão de ruídos, produção de resíduos, a ser distribuído aos ocupantes da área do entorno.

Fonte: Entrevista com o gerente do Parque Flamboyant (1º set. 2010)

Algumas das ações propostas no Programa de Manejo de Uso Público do parque foram realizadas ou pelo menos parcialmente realizadas. Essas ações podem ser vistas no Quadro 2.

Quadro 2 – Ações propostas no Programa de Manejo de Uso Público do Parque Flamboyant ainda não realizadas ou só parcialmente realizadas

Ações
Implantar um programa de Educação Ambiental (uma vez por mês a AMMA envia duas pessoas durante uma semana para orientar os usuários, ou quando solicitado).
Organizar os eventos a serem realizados no Parque Flamboyant (o Parque é um dos espaços públicos que mais recebem eventos na cidade, de acordo com entrevista com a chefia de Divisão de Estudos e Caracterização de Unidades de Conservação da AMMA).
Realizar pesquisas de opinião pública e de interesse para a boa execução das atividades deste subprograma (desde a criação foi realizada apenas uma pesquisa visando conhecer a satisfação dos usuários do Parque).
Sinalizar devidamente o Parque Flamboyant com as placas de zoneamento.
Desenvolver um sistema de coleta de lixo (existem dois pontos de coleta seletiva no Parque), para coleta de materiais recicláveis, para encaminhamento a associações conveniadas com a Prefeitura. Até as folhas que caem das árvores são reaproveitadas dentro do Parque, sendo remanejadas e lançadas em área de conservação.
Manutenções constantes dos equipamentos e instalações (é feita solicitação à AMMA, mas o processo é um pouco moroso).
Promover parcerias com instituições governamentais e não governamentais (ONGs), para desenvolvimento de atividades de interesse comuns (existem parcerias com a Secretaria de Desporto e Lazer, com a Agência Ambiental).

Estabelecer parcerias com universidades para ajudar no monitoramento, pesquisa e turismo (existe parceria com a UCG, UFG e Faculdade Araguaia, para desenvolverem atividades de pesquisa no parque, envolvendo alunos dos cursos de Ciências Biológicas e Engenharia Ambiental).

Organizar trilha orientada (existe a trilha, mas raramente é utilizada, na maioria das vezes por escolas e/ou universidades; caso solicitado, a administração ou a guarda municipal acompanha o passeio).

Fonte: Entrevista com o gerente do Parque Flamboyant (1º set. 2010).

Apesar dos problemas de realização e da desatualização do Plano de Manejo, o Parque Flamboyant é um dos parques mais bem-estruturados da cidade, com ampla área de lazer para uso da comunidade.

CAPÍTULO 3

APROPRIAÇÃO E USOS PARA LAZER NO PARQUE

Crianças correndo, jogando futebol, brincando no parque infantil. Jovens e adultos caminhando, correndo, andando de bicicleta, de patins, de *skate*. Piqueniques, encontro de amigos, um bate-papo em frente ao lago. Alguns apenas passando, como as torcidas que caminham em direção ao vizinho Serra Dourada, outros ficando horas e horas desfrutando do parque, outros estudando, ou namorando, trabalhando, dormindo, descansando ou simplesmente dando uma pausa para o almoço. Pausa e correria, silêncio e barulho, ordem e desordem, tudo isso são apenas algumas das situações vivenciadas pelos visitantes e frequentadores cotidianos no Parque Flamboyant, lugar de encontro de pessoas de diversas classes sociais, faixa etária e níveis de escolaridade, vindas de diversas regiões da cidade. Estes são apenas alguns elementos visíveis que expressam o cotidiano de parcela da população goianiense que utiliza o Parque Flamboyant como um espaço de lazer. O cotidiano, aparentemente insignificante, pode revelar aspectos mais profundos da sociedade.

Apesar de haver espaços que induzem e perpetuam as diferenças, não é apenas o espaço que produz as diferenças, mas os sujeitos também as produzem. Por exemplo, as práticas cotidianas verificadas no Parque Flamboyant revelam os valores de uma sociedade que manifesta, em suas formas, sua visão de mundo. O Parque poderia, portanto, ser um lugar criado para satisfazer uma demanda da sociedade que prega a prática de atividades físicas e a valorização e exaltação do verde. Assim, as pessoas, em seu tempo livre, seguiriam essas determinações impostas por ideologias dominantes, reproduzindo valores e conceitos manipuladores. Lefebvre (1999, p. 129), fazendo uma crítica acerca da vida cotidiana, afirma:

É certo que ela não abarca o conjunto da práxis da época industrial, mas dela retém resultados essenciais. Essa época teve o seguinte resultado: a constituição de uma cotidianidade, lugar social de uma exploração refinada e de uma passividade cuidadosamente controlada.

Seria a vida cotidiana expressa no Parque Flamboyant apenas um reflexo de uma exploração refinada e de uma passividade controlada? Seria o parque um lugar onde há a manifestação de práticas que expressam a liberdade e a autonomia dos indivíduos perante uma sociedade controladora? Estas são algumas questões que servem de guia para a análise da apropriação do Parque Flamboyant por parcela da população goianiense, tema tratado neste capítulo.

3.1 Frequentadores e Visitantes do Parque Flamboyant: Perfil, Deslocamento, Frequência e Usos

Foram realizadas visitas em campo em setembro de 2010 (dezesseis horas de permanência no Parque, divididas entre os períodos matutino e vespertino), em dezembro desse mesmo ano (quatro horas de permanência no parque, no período noturno) e em junho de 2011 (trinta e seis horas de permanência no parque, divididas entre os períodos matutino, vespertino e noturno), a fim de identificar, descrever e analisar como a população se apropria do Parque Flamboyant.

Nos dias úteis, notou-se que existe maior concentração de pessoas no início da manhã, no horário do almoço e no final da tarde. Nos demais horários, o parque é pouco frequentado. Uma situação interessante foi a de flagrar operários das obras do entorno utilizando o parque como refeitório e local para descanso. Os frequentadores do meio de semana são principalmente aqueles que moram nos arredores. Não seria correto dizer que o parque perde valor nos momentos em que está sendo pouco frequentado. Isso porque, o fato de existir já o torna objeto de especulação imobiliária, uma vez que sua vista é vendida e sua proximidade valorizada.

Nas visitas realizadas nos finais de semana e feriados, notou-se que o número de pessoas é bem maior que no meio da semana e que são variados os bairros onde os entrevistados residem e as práticas de lazer. Juntamente com o aumento do número de pessoas, houve o número de vendedores ambulantes no entorno do parque, ofertando produtos como pipoca, algodão doce, refrigerantes, batata frita, dentre outros. No período da tarde predominam as famílias e os grupos de amigos, sendo a caminhada e os piqueniques as principais atividades identificadas. Já no início da noite, nota-se uma maior aglomeração de jovens cantando e conversando. Percebeu-se que ao escurecer a maioria das pessoas, as que moram mais afastadas do Parque, foram embora, ao mesmo tempo em que iam chegando novas pessoas, as que moram próximo ao Parque.

Essas observações em campo foram bastante úteis, mas para descobrir o perfil, o deslocamento, a frequência, os usos e as representações das pessoas que utilizam o Parque Flamboyant, fez-se necessário desenvolver mais uma etapa de trabalho de campo, para a

realização de entrevistas. Realizaram-se 48 entrevistas em dias e horários variados, no mês de junho de 2011, ocasião em que foram feitas perguntas objetivas e subjetivas.

Identificaram-se, basicamente, dois tipos de usuários do parque: os frequentadores e os visitantes (Figura 18).

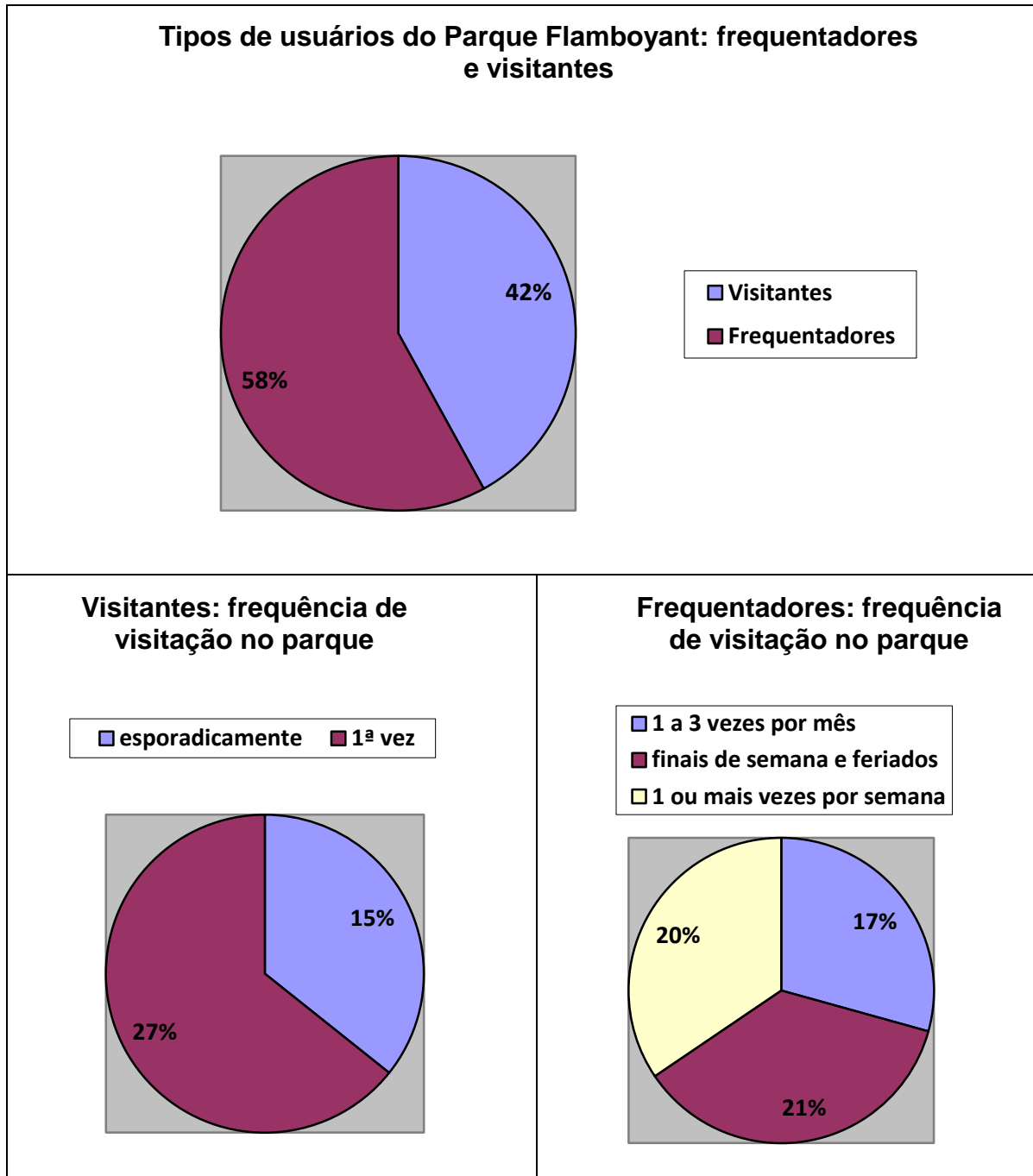


Figura 18 – Tipos de usuários do Parque Flamboyant: frequentadores e visitantes. Fonte: entrevistas com usuários (2011).

Considera-se que os visitantes (42% dos entrevistados) são aqueles que vão ao parque esporadicamente (27%) ou pela primeira vez (15%), e os frequentadores (58% dos

entrevistados) aqueles que vão ao parque com certa regularidade, uma a três vezes por mês (17%), nos finais de semana e feriados (21%), uma ou mais vezes por semana (20%). Neste contexto, os frequentadores seriam aqueles que se apropriam do Parque, ao passo que os visitantes são aqueles que o usam.

3.1.1 Perfil dos entrevistados

Foram entrevistadas 48 pessoas, buscando, de forma arbitrária, um perfil bem variado, incluindo diversas faixas etárias, classes sociais e grau de escolaridade. O critério para definição da quantidade de entrevistados foi o de coletar dados necessários e consistentes para uma análise com enfoque qualitativo que representasse a diversidade dos públicos que usam e se apropriam do Parque Flamboyant.

Do total de entrevistados, um pouco mais da metade (54%) é do gênero masculino (portanto, 46% é do gênero feminino). Do total, 46% têm entre 31 e 60 anos de idade, 40% de 18 a 30 anos, 8% de 12 a 17 anos, e apenas 6% têm acima de 60 anos de idade. É importante ressaltar que estes dados fogem ao perfil demográfico do goianiense, uma vez que não se trata de amostra estatística e sim de seleção arbitrária de entrevistados, a fim de realizar uma análise qualitativa dos dados coletados.¹⁶

Em relação ao nível de escolaridade, houve um considerável percentual de pessoas que cursaram ou estão cursando nível superior (50,1%). Vale a pena ressaltar que, dentre os entrevistados, todas as pessoas se declararam alfabetizadas. Considerável parcela dos entrevistados (41,7%) trabalha de 21 a 44 horas semanais, ao passo que 33,3% afirmaram não trabalhar (dentre eles, os estudantes, aposentados, donas de casa e desempregados). Existem aqueles que trabalham mais do que 44 horas semanais (16,7%) e um pequeno percentual (8,3%) que trabalha menos de 20 horas semanais (Figura 19).

¹⁶ Segundo dados do IBGE (2010), do total da população residente em Goiânia (1.302.001), 52,3% são mulheres e 47,7% são homens. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Acesso em: 30 maio 2012.

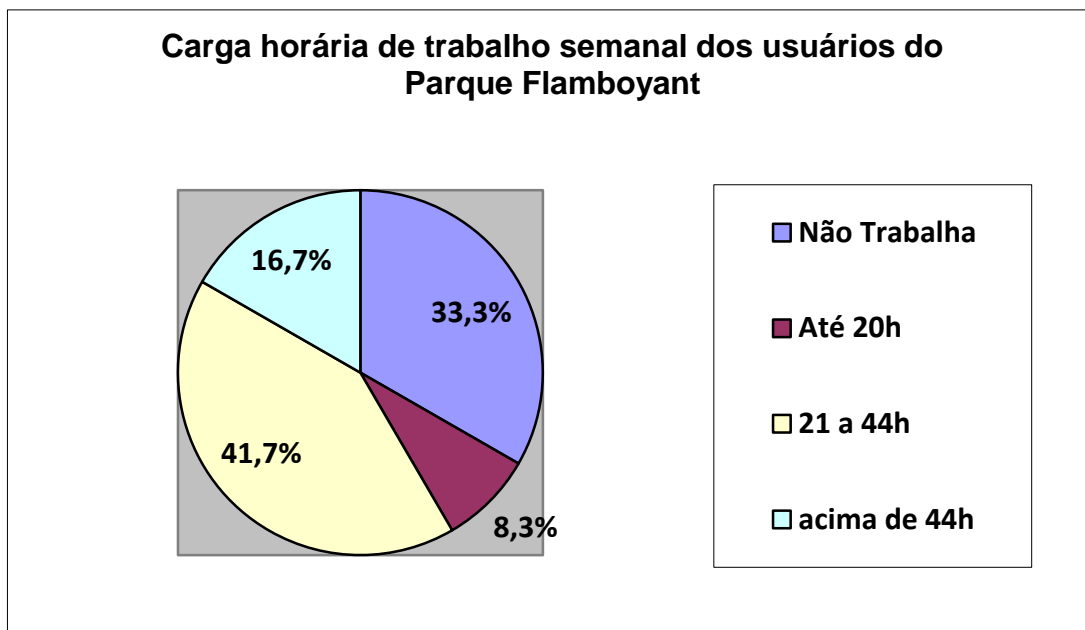


Figura 19 – Carga horária de trabalho semanal. Fonte: Entrevistas com usuários (2011).

Foram entrevistadas pessoas de diversas profissões: empresários, aposentados, funcionários públicos, estudantes, administradores, advogados, professores, psicólogos, instrutores de musculação, músicos, arquivistas, auxiliares administrativos, representantes comerciais, supervisores de processamento, vendedores, pedreiros, vidraceiros, pintores, serralheiros, empregadas domésticas e donas de casa. Nota-se a variedade das profissões, o que expressa a também variedade do público que frequenta o parque.

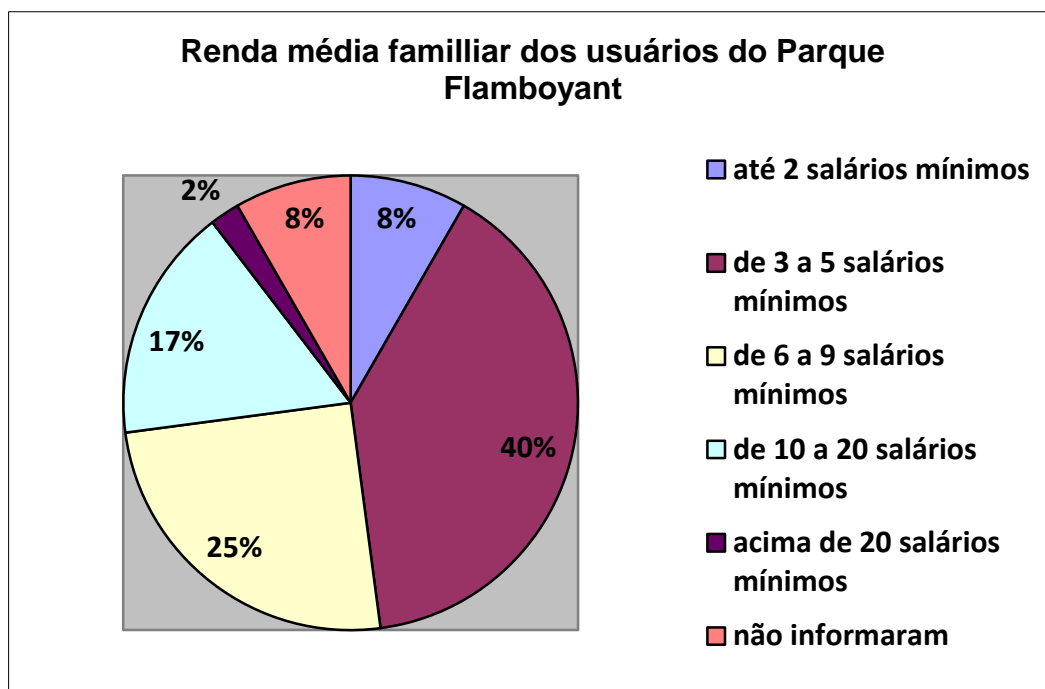


Figura 20 – Renda média familiar. Fonte: Entrevistas com usuários (2011).

Quanto à renda média familiar, 39,6% afirmam estar entre três e cinco salários mínimos, 25% entre seis e nove salários mínimos, 16,7% entre dez e vinte salários mínimos, 2,1% acima de vinte salários mínimos. Nas entrevistas realizadas no período noturno, a maioria preferiu não informar a renda média familiar. Dos que responderam, apenas 8,3% dos entrevistados declararam possuir renda média familiar de até dois salários mínimos (Figura 20).

Em relação à naturalidade, 58% dos entrevistados responderam que nasceram em outras cidades (42%, portanto, nasceram em Goiânia). Esse dado demonstra o crescimento populacional da cidade desde sua criação, por conta da migração de pessoas do interior do estado e de outras regiões do país. Dos que nasceram em outras cidades, menos da metade (48%) vive em Goiânia há menos de dez anos.

3.1.2 Deslocamento

Quanto à residência dos entrevistados, foram identificados 31 bairros, o que demonstra a heterogeneidade da origem desses visitantes/frequentadores. Os bairros citados foram: Setor Garavelo, Setor Universitário, Nova Vila, Setor Aeroporto, Setor Castro, Nova Vila, Parque Ateneu, Parque das Nações, Conjunto Riviera, Vila Itatiaia, Vila dos Alpes, Jardim América, Jardim Bela Vista, Vila Santa Luzia, Novo Mundo, Cidade Jardim, Setor Tocantins, Urias Magalhães, Centro, Residencial Santa Luzia, Parque Amazonas, Crimeia Oeste, Jardim Brasil, Jardim Grande Retiro, Setor Sudoeste e Aruanã I. Dos que moram nos bairros mais próximos, 18,8% do total de entrevistados são residentes do Jardim Goiás, 6,3% do Alto da Glória, um entrevistado da Vila Redenção e um do Setor Pedro Ludovico. O mapa (Figura 21) dá uma visão geral da localização dos bairros de residência dos entrevistados.

Destaca-se a diversidade dos bairros dos entrevistados, vindos de várias partes da cidade, e até mesmo dos municípios de Aparecida de Goiânia e de Senador Canedo. Nota-se também que a maioria dos entrevistados reside nas regiões da cidade em que se concentra o maior número de parques. Pelo fato de os bairros de residência dos entrevistados estarem tão dispersos geograficamente, conclui-se que o fator limitante para a visita ao parque não é a distância e sim o transporte utilizado, e conseqüentemente o tempo gasto no deslocamento (Figura 22).

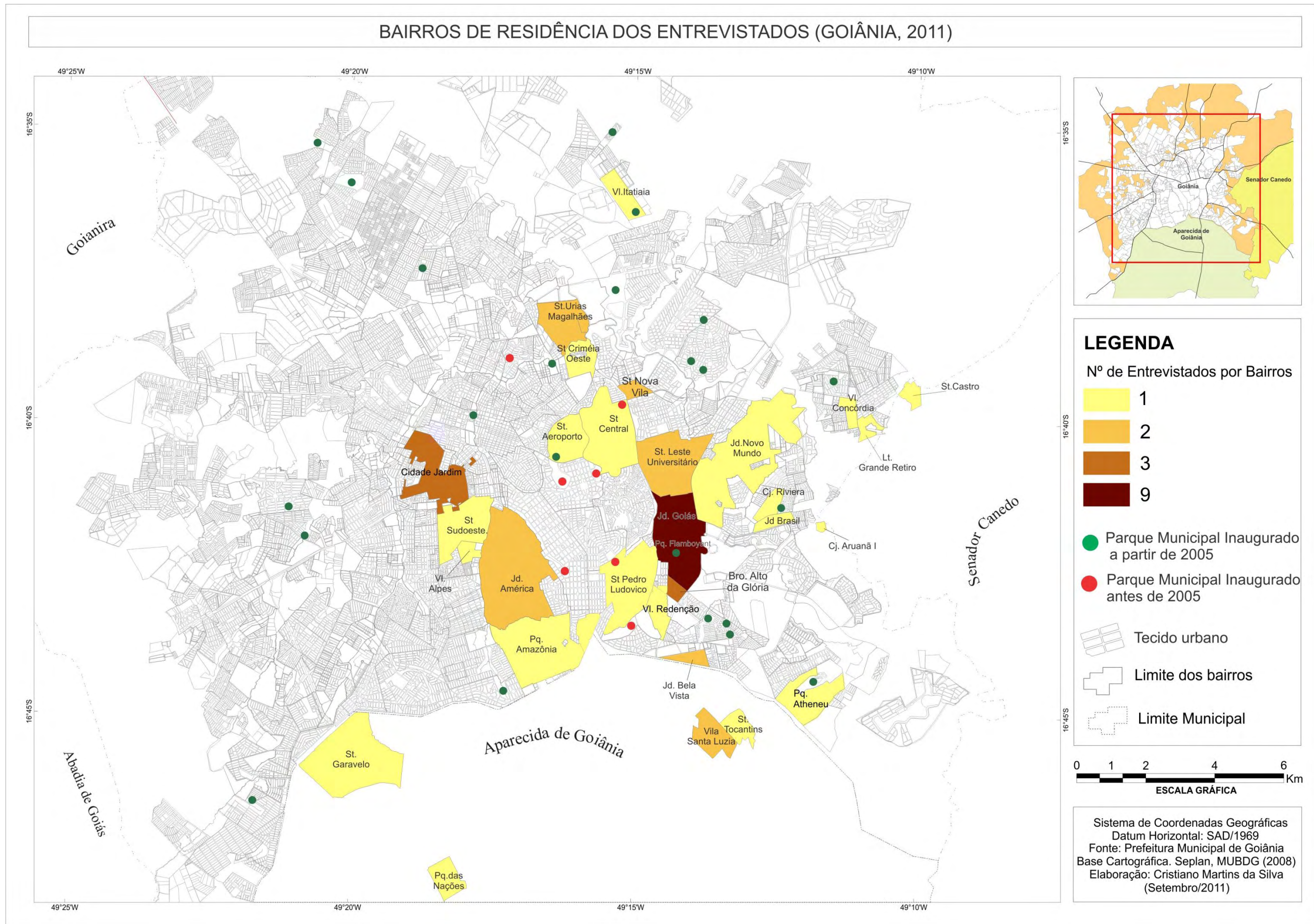


Figura 21 – Mapa: bairros de residência dos entrevistados. Elaboração Cristiano Martins da Silva (set. 2011)

O meio de transporte utilizado por 50% dos entrevistados foi o automóvel, 25% foram ao parque a pé, pois moram próximo, 14,6% foram de transporte coletivo, 4,2% foram de motocicleta, 4,2% foram de bicicleta e 2,1% foram de microônibus. Destaca-se que 75% vão ao parque de carro ou a pé, ao passo que uma pequena parcela se desloca de transporte coletivo e outros meios (Figura 23).



Figura 22 – Estacionamento do Parque Flamboyant. Fotografia: O autor (1º set. 2010).

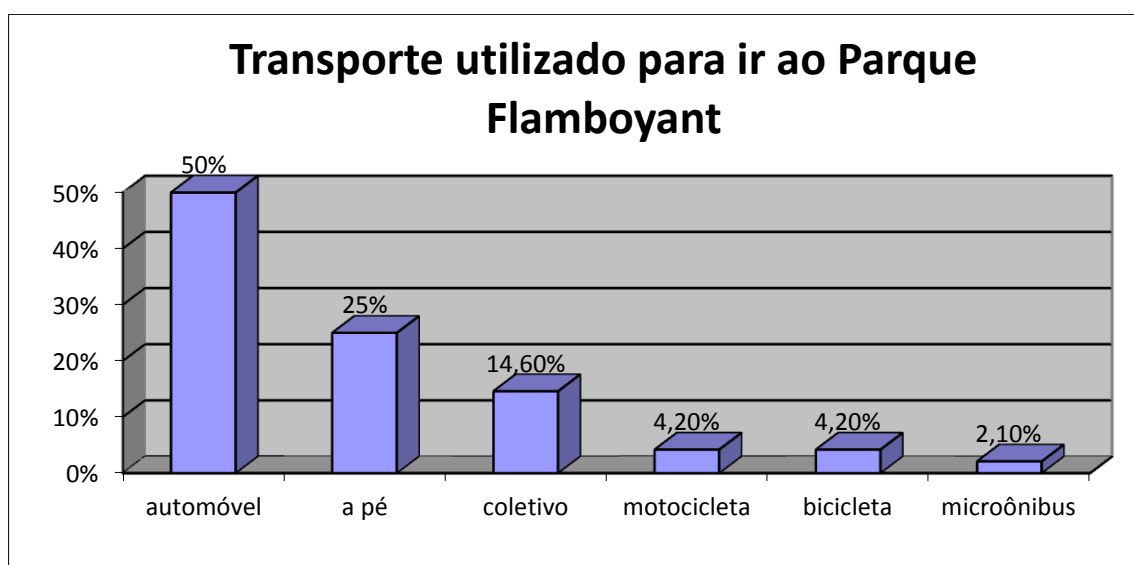


Figura 23 – Tipo de transporte utilizado para acesso ao Parque. Fonte: entrevistas com usuários (2011).

Dos que foram no parque a pé, 8,3% possuem renda familiar de até dois salários mínimos, 25% de três a cinco salários, 35% de seis a nove salários, 25% de dez a vinte salários, 8,3% acima de vinte salários, e 8,3% não quiseram informar a renda. Nota-se que, percentualmente, a renda média familiar dos entrevistados que vão ao parque a pé é maior que a renda média familiar de todos os entrevistados (Figura 24). Ainda em relação aos que vão ao parque a pé, 16,7% podem ser classificados como visitantes, logo, 83,3% como frequentadores. Vê-se que o percentual de frequentadores (83,3%) dessa amostra (que vão ao parque a pé) é bem maior que o percentual de frequentadores (58%) de todos os entrevistados. Dessa forma, podemos concluir que aqueles entrevistados que vão ao parque a pé possuem uma renda média familiar maior e vão ao parque com mais frequência que a maioria.

Do total de entrevistados, 45,8% gastaram até quinze minutos para chegar ao parque, 37,5%, de 16 a 29 minutos, 12,5%, de 30 a 59 minutos, 4,2% de uma a duas horas e nenhum entrevistado gastou mais de duas horas em seu deslocamento. Há uma relação inversamente proporcional entre tempo e quantidade de entrevistados – quanto maior o tempo de deslocamento, menor o número de entrevistados (Figura 25).

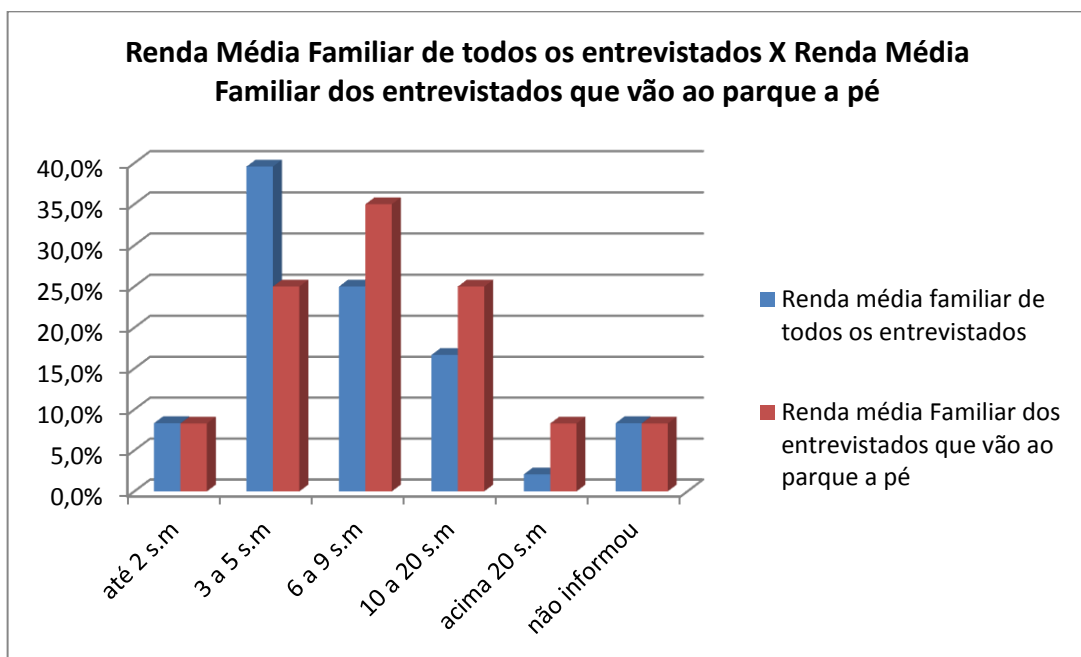


Figura 24 – Renda média familiar de todos os entrevistados *versus* renda média familiar dos entrevistados que vão ao parque a pé. Fonte: entrevistas com usuários (2011).

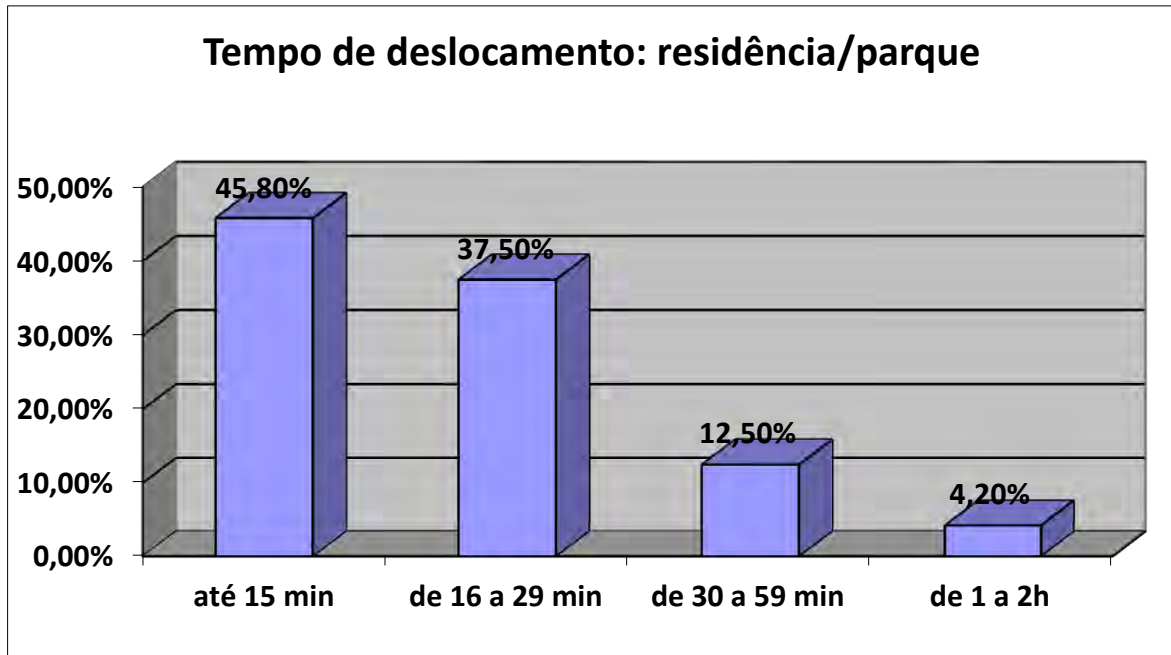


Figura 25 – Tempo de deslocamento entre a residência e o Parque. Fonte: entrevistas com usuários (2011).

Da análise das figuras 23 e 25 e sua relação com os bairros onde residem os entrevistados, é possível concluir que a quantidade de frequentadores e visitantes não tem a ver com a curta distância entre a residência e o parque, mas com a facilidade de transporte e o tempo de deslocamento. Muitos dos entrevistados moram em bairros distantes, até mesmo em outros municípios como Aparecida de Goiânia e Trindade, o que não se torna um obstáculo, em razão da facilidade e da rapidez do transporte que utilizam (automóvel). Apesar dos moradores destes municípios terem mais facilidade de acesso devido à utilização do automóvel, fatores como a longa distância e o trânsito fazem com que visitem o parque apenas nos finais de semana e feriados.

Outro aspecto notado foi que nenhuma via de grande circulação margeia o Parque Flamboyant, como é o caso de outros parques tradicionais da cidade. O mapa da Figura 26 mostra o desenho das vias de acesso e circulação próximas ao parque.

Por meio do desenho e dos sentidos de direção das ruas que dão acesso ao parque, percebe-se que as vias expressas (BR-153 e Marginal Botafogo) estão mais distantes do parque (aproximadamente cinco quadras do parque). A duas quadras do parque localiza-se a Avenida E e a uma quadra do parque, as vias arteriais Rua 72 e Avenida Jamel Cecílio. A via coletora Avenida H é a de maior fluxo de veículos que margeia o parque. Ainda que não haja vias expressas e vias arteriais margeando o parque, o acesso a estas vias é relativamente fácil para quem vai ao parque de veículo individual. Já para quem depende do transporte coletivo para se locomover, o parque é de fácil acesso (pois existem várias linhas de transporte que alimentam a região), mas de difícil visibilidade (pois poucas linhas de ônibus passam às

margens do parque). A maioria das pessoas que passam pela região, de transporte coletivo, nem ao menos chega a ver o parque, pois este fica despercebido por trás da “muralha” de edifícios que o cercam, sobretudo nas quadras localizadas entre o parque e a Avenida Jamel Cecílio.

Apesar de estar próximo de equipamentos que juntos atraem um número bem maior de pessoas, tais como o Estádio Serra Dourada, Shopping Flamboyant, Tend Tudo, Carrefour, Wall Mart e Centro Cultural Oscar Niemeyer, o parque não é tão notado pelos usuários de transporte público quanto estes equipamentos. Isso se comprova, como descrito anteriormente, pelo fato de apenas 14,6 % dos entrevistados usarem transporte coletivo para irem ao parque. A impressão é a de que o parque “pertence” a uns poucos privilegiados (se considerarmos o todo da população goianiense) que moram próximo, ou que possuem transporte individual, mais rápido e prático do que o transporte público.

O perfil do deslocamento dos entrevistados e a localização do parque suscitam algumas reflexões acerca de como a forma (visível) pode revelar o conteúdo (invisível) que deu origem e/ou se originou da forma. A localização do parque e a dificuldade de visualização e acesso aos usuários do transporte coletivo podem inibir a apropriação de grande parte da população. Não existe uma placa proibindo a visitação da parcela pobre da população (que depende do transporte público, que gasta mais tempo no deslocamento, e conseqüentemente frequenta menos o parque), mas a própria forma como parque foi planejado e sua localização excluem boa parte da população, que raras vezes visita o parque.

3.1.3 Frequência

Foi perguntado aos usuários há quanto tempo frequentam o parque. Dos respondentes, 31,3% frequentam entre um e dois anos; 29,2% há menos de um ano; 27,1% há mais de três anos; 12,5% entre dois e três anos. Apesar de o parque (no período da entrevista) existir há menos de quatro anos, 60,5% dos frequentadores vão ao parque há menos de dois anos. Esse dado demonstra que, além dos novos frequentadores que se mudaram para a região após a criação do parque, muitas pessoas (moradores de bairros mais distantes) passaram a incluir o Parque em seu cotidiano.

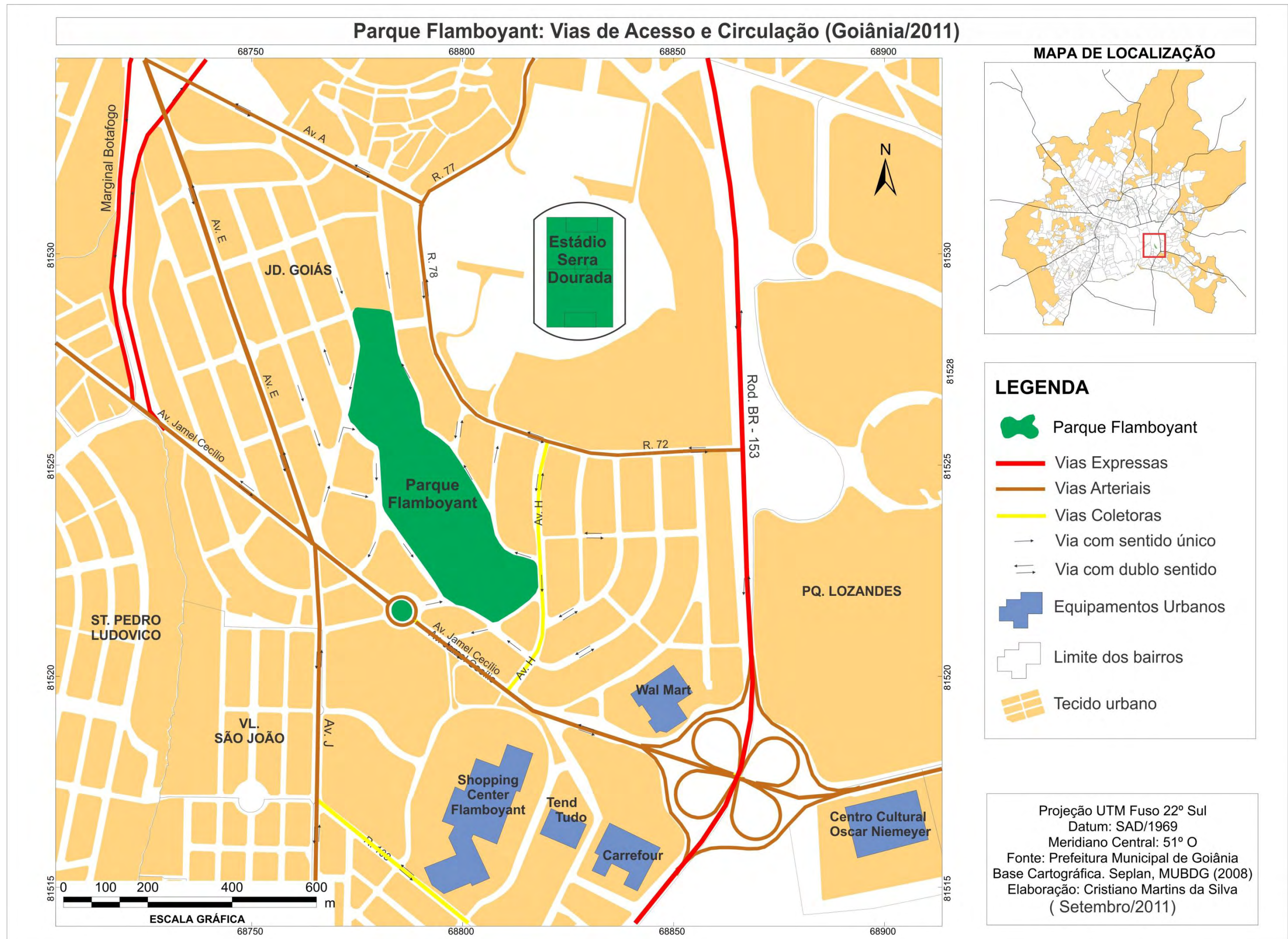


Figura 26 – Mapa Parque Flamboyant: vias de acesso e circulação. Elaboração: Cristiano Martins da Silva (set. 2011)

Sobre onde os entrevistados praticavam suas atividades de lazer antes da implantação do Parque Flamboyant, 31,3% mencionaram outros parques, 20,8% que não praticavam, 4,2% praticavam nas ruas, 22,9% em outros lugares (foram citados: Avenida Ricardo Paranhos, na pista de caminhada ao lado do Shopping Flamboyant, Estacionamento Estádio Serra Dourada, academia, praças e chácaras). Destacam-se os 20,8% de pessoas que não praticavam atividades de lazer (principalmente caminhada), passando a fazê-lo após a implantação do parque. Esse dado demonstra a importância de um espaço disponível para o desenvolvimento de práticas de lazer. Dos 31,3% que praticavam atividades em outros parques, 26,7% utilizavam o Parque Areião, 26,7% o Vaca Brava, 20% o Parque Botafogo, 13,3% o Lago das Rosas e 33,3% outros parques. Alguns entrevistados afirmaram que passaram a frequentar o Parque Flamboyant porque ficou mais próximo de suas casas ou porque é mais estruturado que os outros.

O tempo de permanência no parque ficou dividido da seguinte forma: 47,9% afirmaram que permanecem no parque de uma a duas horas em média, a cada vez que o visitam; 29,2% entre duas e quatro horas; 16,7%, mais de quatro horas; apenas 6,3% permanecem menos de trinta minutos no parque. Para o tempo entre 31 e 59 minutos não houve resposta. Percebe-se que o Parque Flamboyant é um local aonde algumas pessoas tem a oportunidade de ir sem se preocupar com a hora de voltar, livres da pressão que o relógio impõe no dia a dia de trabalho. Houve entrevistados que alegaram permanecer no parque o dia todo e muitos ficam pelo menos um período (matutino/vespertino/noturno) do dia nele. Como as atividades de lazer pressupõem tempo e espaço disponível, e despertam nos indivíduos sensações de liberdade, de despreocupação, o fato de os entrevistados expressarem essas características significa que estes usos observados no parque podem ser considerado atividades de lazer.

3.1.4 Atividades de lazer

Em observação em campo, foram identificadas diversas atividades de lazer: piqueniques, grupos de amigos tocando violão ou apenas conversando, ciclismo, skatismo, patinação, caminhadas, crianças no parquinho infantil, ginástica, ioga, namoro, futebol, voleibol, peteca, jogos de carta, teatro. Também se ouviu música eletrônica, veem-se apresentações artísticas e culturais, contemplação, descanso e leitura (Figuras 27 e 28).

Nas entrevistas, dentre as atividades de lazer praticadas no parque, se destacaram a caminhada/corrída (56,3%), trazer as crianças para o parque infantil (22,9%), piquenique (20,8%), contemplação (14,6%), ciclismo (12,5%), descanso (12,5%), conversar (10,4%), namorar (8,3%), passear com cachorro (6,3%), cantar com amigos (4,2%), ginástica (4,2%), outras atividades (18,8%).



Figura 27 – Cotidiano e usos do espaço no Parque Flamboyant. Fotografias do autor (7 set. 2010).



Figura 28 – Cotidiano e usos do espaço no Parque Flamboyant - 2. Fotografias do autor (7 set. 2010).

Assim como há variedade no público entrevistado, existe também variedade nas atividades de lazer praticadas no parque. Estes usos do parque revelam um pouco dos valores que regem a vida dessas pessoas, e que representam os valores pregados, ou não, pela sociedade.

Foram identificados alguns comportamentos que chamaram a atenção, pelo fato de transgredirem as regras, o normal, o desejado, o planejado. Crianças brincam às margens do lago, famílias circulam tranquilamente em uma zona em que, além de possuir barreiras de isolamento, possui placas informativas que transmitem a seguinte informação: “É proibida a permanência e circulação de pedestres entre os Lagos do Belvedere e da Mata. Se houver algo irregular, avise imediatamente a ADMINISTRAÇÃO ou a SEGURANÇA” (Figura 29). Cada espaço no parque foi planejado para determinada função, de acordo com determinada ordem, mas o que verificamos é que os usos nem sempre seguem o planejado.

Outra situação identificada foi a de pedestres caminhando na pista destinada exclusivamente para bicicletas. A placa que normatiza o uso da pista de ciclismo e da pista de caminhada (Figura 30) traz consigo, logo abaixo das orientações, a frase que diz: “Respeite os espaços, suas funções e seus usuários”.



Figura 29 – Placa proibindo o acesso de pedestres, tendo ao fundo pessoas usufruindo normalmente a área “proibida”. Fotografia do autor (7 set. 2010).



Figura 30 – À esquerda, placa informando regra de uso em que pedestres e ciclistas têm cada um seu próprio espaço reservado. À direita, pedestres caminhando na pista de ciclismo. Fotografia: O autor (7 set. 2010).

Outras situações transgressoras às regras foram identificadas na observação em campo, em pesquisa documental (jornais) e em entrevistas com os funcionários do Parque Flamboyant, tais como ciclistas circulando na grama, donos de animais domésticos que não catam as fezes de seus bichos de estimação, comércio informal em lugares não autorizados para este fim, pessoas jogando lixo no chão, depredando placas de sinalização, alimentando os peixes e até mesmo pescando no lago. De Certeau (2007, p. 40) trata essas “transgressões” às regras como o uso que as culturas populares fazem da cultura imposta pela elite.

A presença e a circulação de uma representação (ensinada como o código da promoção sócio-econômica por pregadores, por educadores ou por vulgarizadores) não indicam de modo algum o que ela é para seus usuários. É ainda necessário analisar a sua manipulação pelos praticantes que não a fabricam. Só então que se pode apreciar a diferença ou a semelhança entre a produção da imagem e a produção secundária que se esconde nos processos de sua utilização.

O cotidiano é, dessa forma, reinventado por seus praticantes, que possuem comportamentos muitas vezes diferentes dos esperados pelos planejadores. Lefebvre (1991) acredita que o cotidiano é mais complexo do que aparenta ser; para ele, “a vida cotidiana oculta o misterioso e o admirável que escapam aos sistemas elaborados” (LEFEBVRE, 1991, p. 23).

Os comportamentos “transgressores” identificados nas práticas cotidianas dos usuários do Parque Flamboyant ilustram a ideia defendida por De Certeau (2007) e Lefebvre (1991) acerca da complexidade e imprevisibilidade do cotidiano. Seriam esses comportamentos manifestações da “cultura popular” modificando o que é pregado pela “cultura da elite”? Será que no caso do Parque Flamboyant, onde há uma heterogeneidade de classes sociais, esta tese de De Certeau se sustentaria? Estaria Lefebvre (1999) indo além, ao instigar os pesquisadores acerca da necessidade de se buscar a totalidade, altamente complexa, do real?

Estas questões foram levantadas porque trazem à tona a necessidade de se olhar para um objeto de pesquisa, como as práticas de lazer em um parque urbano, de forma mais crítica, sabendo que estas práticas identificadas e analisadas podem gerar complexas e ricas discussões teóricas que não se aplicam apenas a um caso isolado, mas que podem estar relacionadas a um contexto maior do que a aparente simplicidade do cotidiano.

3.2 A Percepção dos Entrevistados

De acordo com os entrevistados, o que mais chama a atenção no Parque Flamboyant são a beleza, a paisagem, a natureza, o ar puro, a água, o lago, o verde, as árvores e a tranquilidade. Outras características citadas foram os peixes, os animais, a jardinagem, a liberdade, a comodidade, a segurança, o jardim japonês, o clima saudável, o ar fresco, o tamanho do parque, lugar para a família, área para as crianças brincarem. Um entrevistado comparou o Parque Flamboyant com o Parque Vaca Brava dizendo que o Parque Flamboyant "conseguiu guardar muito da natureza dele, que é diferente lá do Vaca Brava, que ficou com

cara de lago no meio de selva de pedras". Já outra entrevistada comparou o Parque Flamboyant com o Parque Areião:

Você chega aqui acha uma tranquilidade. Você pode fazer uma caminhada sem ter muito trânsito em volta, igual tem o Parque Areião, onde o trânsito é muito em volta; então você não descansa a cabeça. Agora aqui sim, você vai caminhar; aqui você descansa porque você passa ali no meio das matas, e o trânsito que tem em volta é praticamente de quem vem no parque, não é um trânsito onde passa para ir em algum lugar.

Perguntados sobre o que menos gostavam no Parque Flamboyant, os respondentes, em sua maioria, disseram que não há nada de que menos gostam, pois o Parque só tem pontos positivos, como diz um entrevistado: "parece que tudo é legal nisso aqui". Dos poucos que apontaram algo de que menos gostam, os pontos levantados foram: pouca sombra em volta da pista de caminhada, localizado longe de casa; o lago menor, pelo descuido e abandono; fezes de animais de estimação; a sujeira; falta de mais opções de lazer (parque infantil maior, quadra de futebol e vôlei). Um homem disse seguinte, acerca do que menos gosta no parque: tem "um monte de prédio em volta; mas isso é inevitável".

Muitos dos entrevistados disseram que a escolha pelo Parque Flamboyant como opção de lazer deve-se à beleza do lugar, à paisagem, ao verde, à natureza, à tranquilidade, à segurança, à proximidade com suas casas, ao fácil acesso e ao fato de ser um parque grande e espaçoso. Também foram citados: trânsito tranquilo ao redor, estrutura da pista de caminhada, pela qualidade de vida que o parque oferece, pelo aconchego e pela liberdade. Alguns entrevistados disseram buscar no parque uma fuga do estresse e da agitação do dia a dia. Sobre isto, uma mulher afirma: "o dia a dia da gente é muito tumultuado, muito cansado; a gente precisa do verde, precisa da água, precisa da natureza. Eu creio que isso foi uma ideia maravilhosa e espero que tenha outros". Um senhor aposentado testemunhou:

Isso aqui acaba com o estresse. A gente chega aqui estressado, principalmente pessoas da minha idade, velho, porque o que mais está matando os velhos é o *stress* [...] se o idoso fica estressado, ele morre logo. A gente chega aqui estressado, e arruma uma pessoa como você para conversar, bater um papo ou dar entrevista, o *stress* vai embora.

Perguntados sobre a segurança no parque, 71% dos entrevistados consideram o Parque Flamboyant um lugar seguro, 17% o consideram parcialmente seguro e apenas 12% sentem-se inseguros no parque. O auto índice de usuários que consideram o parque seguro demonstra este sentimento de confiança das pessoas quando estão no parque, contribuindo para o que muitos citaram como motivo para a escolha do parque – a tranquilidade.

Apesar de gostarem muito do Parque Flamboyant, 56% dos entrevistados acreditam que o parque poderia ter algum equipamento de lazer que ainda não possui. Os equipamentos

mais citados foram (dos mais para os menos citados): equipamentos de ginástica, quadra para esporte coletivo, pedalinho no lago, parque infantil maior, mais iluminação e pista de *skate*. Mesmo o parque possuindo equipamentos de ginástica, muitas das pessoas os citaram como um equipamento de lazer que o parque ainda não possui, talvez porque o conceito que têm de equipamentos dessa natureza difere dos ofertados. Outra hipótese é a de que acham que a quantidade de equipamentos de ginástica é insuficiente para a demanda.

3.2.1 Relação do parque com a qualidade de vida e a cidade de Goiânia

Foi perguntado para as pessoas que nasceram em outras cidades o que as levou a escolher Goiânia para viver. As principais respostas foram: para acompanhar a família (migrante tradicional), pela qualidade de vida e pelas oportunidades de trabalho. Houve também outras respostas que afirmam que Goiânia é uma cidade tranquila, pacífica, arborizada, confortável e oferece oportunidade para estudar. Um rapaz de São Luiz do Maranhão, que vive em Goiânia há dois anos, disse ter escolhido a cidade para viver "pela qualidade de vida; muito bom de viver aqui. Conforto também atrai muita gente para cá. Eu acho que isso que faz de Goiânia uma das melhores capitais do Brasil, com certeza". Uma senhora, nascida em Santa Bárbara de Goiás, que vive em Goiânia há 55 anos, diz acerca da cidade: "Eu acho uma cidade tranquila, uma cidade pacífica, bem arborizada, apesar de que tem alguns transtornos, mas é uma cidade tranquila".

Indagou-se sobre a importância do Parque Flamboyant para a cidade de Goiânia. A maioria dos entrevistados considera o Parque um lugar importante para a cidade de Goiânia por dois motivos: o primeiro por ser uma área verde, preservando os recursos naturais, contribuindo para a arborização da cidade e permitindo o contato das pessoas com a natureza, com o ar puro. Em segundo lugar, por se tratar de uma opção de lazer, local onde as pessoas podem descansar, passear com a família, um lugar de encontro, de tranquilidade, de sair da rotina. Outras respostas sobre a importância do parque para a cidade foram: ambiente agradável; lugar para praticar esporte; cartão-postal da cidade; melhora o clima, deixando o ar mais úmido; contribui para a qualidade de vida; sair da rotina; lugar de eventos. Alguns entrevistados não souberam responder a esta questão.

Ainda sobre a importância do Parque Flamboyant para a cidade, um jovem respondeu:

É importante ter a natureza por perto, ter a preservação da natureza, preservação de lugares como esse, que hoje em dia em grandes cidades isso está acabando [...], têm

só prédio e você ter um lugar onde pode curtir a natureza livremente e gratuitamente é muito importante.

Outro jovem, que vê o parque como um ponto de encontro, afirmou: "Acho que isso aqui é um cartão-postal de Goiânia, porque isso aqui atrai várias pessoas de várias idades, classe não importa, acho que aqui é um ponto de referência, porque isso aqui é muito importante para a sociedade e para todos nós". Já uma moradora da Vila dos Alpes, em Goiânia, disse: "Foi uma ideia muito boa, Goiânia precisa muito de coisas de lazer, porque Goiânia não tinha, agora tem essa visão de parque. Tem esse, tem o Cascavel e tem outros projetos que eu estou sabendo". Outra mulher, moradora do Setor Garavelo, em Aparecida de Goiânia, disse: "Se tivesse lá em Aparecida eu não precisava deslocar essa distância. Como não tem, acho aqui mais tranquilo. Eu prefiro vir para cá. E eu acho que deveria ter mais [...]".

Perguntado à população se os parques contribuem para a qualidade de vida da população, a maioria respondeu que sim, porque é um lugar de paz, de despreocupação, da diminuição do *stress*, um lugar para praticar atividades físicas, um lugar de sociabilidade, um lugar que contribui para deixar a cidade mais limpa. Outras respostas foram que os parques contribuem para os seguintes aspectos relacionados à qualidade de vida: divertir, descansar, estar ao ar livre em um ambiente agradável, respirar ar puro, estudar, ter contato com a natureza e contato social. A esse respeito disse um morador do Alto da Glória: "Vários benefícios traz um parque. Por exemplo, uma caminhada. Você pode marcar um encontro com os amigos no parque, fazer um piquenique. Várias coisas pode fazer num parque. Além do mais, pode dar um descanso". Um jovem, morador do Parque das Nações, Aparecida de Goiânia, compartilha essa idéia:

Essa liberdade, tudo que te faz livre, que te faz sentir livre é algo que melhora a qualidade de vida. Então ter essa comodidade de sentir livre, de ter um lugar onde você pode respirar, sentar, pensar na vida. Então isso contribui para qualidade de vida. E é um desafogo também. Está afogado no dia a dia, no trânsito e tudo mais, e você chega aqui e relaxa. Então isso aqui é uma melhoria de qualidade de vida intensa [...].

Outra jovem, moradora do Parque Ateneu, disse:

O parque também traz muito essa coisa de fazenda, que no meio da cidade é difícil de você achar. Para você ver, até o redor do parque está cheio de prédio. Eu gosto muito de natureza e é a natureza dentro da cidade... Fazenda no estilo de interior e eu acho que o parque traz isso para a cidade, sem muito barulho do trânsito, com o ar puro, a gente consegue a paz no meio do interior, no meio da cidade.

Sobre o conhecimento dos entrevistados acerca de outros parques da cidade, 92% afirmaram conhecer outros parques (Figura 31). Os mais citados foram: Vaca Brava (70,8%),

Bosque dos Buritis (33,3%), Parque Areião (29,2%), Lago das Rosas (27,1%), Parque Cascavel (18,8%), Parque Botafogo (12,5%), outros parques (8,4%).

Este conhecimento dos outros parques revela o aspecto fragmentado da cidade, posto que a maioria dos indivíduos desfruta e conhece apenas uma pequena região da cidade, e não a cidade como um todo.

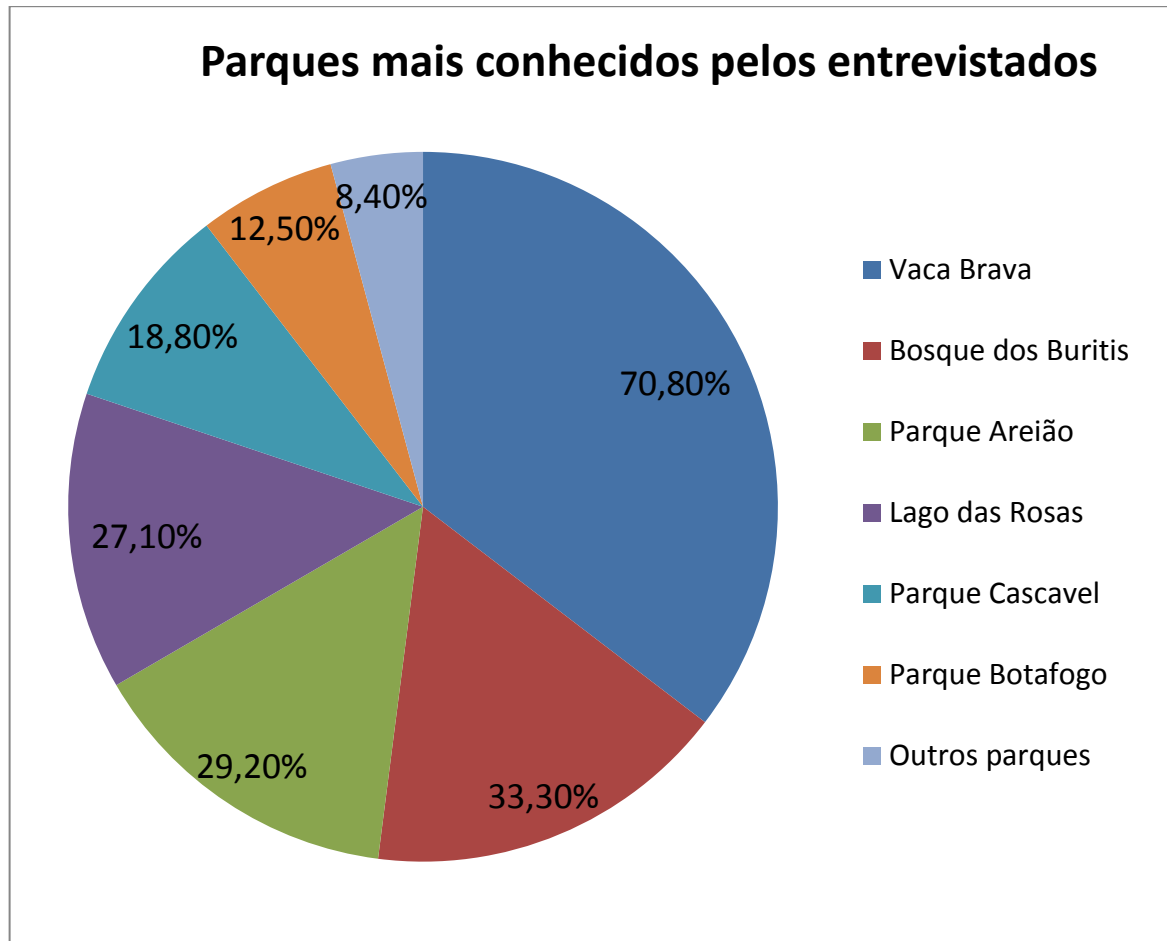


Figura 31 – Parques mais conhecidos pelos entrevistados. Fonte: entrevistas com os usuários (2011).

Perguntados se Goiânia pode ser considerada uma cidade ecologicamente correta, as pessoas ficaram divididas, mas a maioria respondeu que sim. As justificativas incluem: é uma cidade limpa; que tem muito lugar verde; possui muitos parques; tem boa quantidade de árvores nos parques e praças, a maior área verde por habitante. Além disso, alguns entrevistados acreditam que é feita uma campanha para reflorestamento, e que o poder público orienta moradores a não construir em áreas de risco. Os que acreditam que Goiânia não pode ser considerada ainda uma cidade ecologicamente correta, estes alegam que existe muito lixo nas ruas, muito desmatamento por causa dos novos loteamentos, e a reciclagem de materiais ainda é muito tímida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Parque Flamboyant, objeto de especulação imobiliária, torna-se mercadoria na medida em que é vendido para aqueles que têm condições de pagar mais por uma vista melhor e pela promessa da qualidade de vida. Empreendimentos como o *Vistta Flamboyant* e o *Premier Unique* são exemplos de que o valor do metro quadrado dos imóveis varia em função da amplitude da vista e da proximidade do Parque. O resultado disso é a formação de uma vizinhança composta por membros das classes A e B, usuários frequentes do Parque, que passa a ser o “quintal” de suas moradias. Para essas pessoas, atividades como passear com o cão de estimação, praticar caminhada no meio da semana, enviar a babá para passear com os filhos no parque infantil tornam-se algo rotineiro. Este caráter segregador do acesso aos imóveis próximos ao parque traz à tona um assunto, dos vários possíveis, de se discutir acerca de um parque que traz em seu cotidiano muitos dos conflitos, das tensões, dos mistérios que desafiam os pesquisadores das relações humanas e da relação das pessoas com o meio em que vivem.

Com base no pressuposto de que a forma revela conteúdos, uma análise cuidadosa da paisagem e sua relação com as representações dos sujeitos dará uma compreensão mais ampla sobre as ideologias e contradições presentes na cidade. A forma urbana condiciona os processos sociais que se manifestam em uma forma. Há uma estreita relação entre ideologias e forma espacial. Por exemplo, uma cidade compactada, com alta densidade populacional (forma), está relacionada com o fordismo (ideologia/processo). A forma como um parque se apresenta pode revelar ideologias e processos que influenciam e são influenciados por esta forma. Exemplo: por que alguns parques têm segurança e outros não têm? O que justifica isso? O Parque Flamboyant possui uma boa infraestrutura, se comparado com parques localizados em bairros periféricos, tais como o Sabiá e o Carmo Bernardes, por exemplo. Estas diferenças demonstram que os investimentos do poder público em parques públicos visam atender os interesses dos agentes do mercado imobiliário.

Constatou-se na pesquisa de campo que a distância, o tipo e o tempo de transporte são determinantes para o acesso da população ao parque. Os frequentadores, aqueles que se apropriam de fato do parque, são aqueles que moram próximo, ou que possuem meios de transporte individual capazes de proporcionar um rápido acesso ao local. Dessa forma, o parque passa a ser apropriado por parcela da população, ao passo que a maior parte deve se contentar com a falta de parques, ou com o acesso a parques pouco estruturados.

Apesar da segregação na apropriação do Parque Flamboyant, não se pode negar o seu impacto positivo na melhoria da qualidade de vida dos frequentadores e como uma alternativa a mais de lazer para os visitantes. Como relatado nas entrevistas, e confirmado nas observações, o parque passou a ser lugar de descanso, divertimento e desenvolvimento de pessoas. Além disso, este espaço contribui para o aumento da sociabilidade e do contato de seus usuários com o meio ambiente.

Os diferentes usos que os entrevistados fazem do parque não podem ser vistos apenas como opção pessoal, mas sim como resultante das relações entre o processo social e as formas espaciais. Desse modo, podemos supor um uso programado desse espaço. Assim, o trabalhador que no final de semana vai ao parque em busca de descanso e tranquilidade encontra no parque um amplo espaço gramado, com bancos, estalares contemplativos, belvedere com pergolados, e mirante, planejados para a utilização daqueles que querem contemplar a natureza, sentar com amigos, namorada e/ou família, em um ambiente silencioso. Outro exemplo é o do ciclista, do skatista e/ou patinador que vai ao parque, pois este oferece pista destinada à prática de tais atividades. A definição de zonas de uso, os equipamentos existentes, as placas educativas e normativas, além da presença da guarda municipal, condicionam, em parte, o comportamento dos usuários, ao se reforçar a ideia do certo e do errado, do permitido e do não permitido. O uso do espaço passa a ser programado, uma vez que os comportamentos podem ser direcionados, previstos e monitorados.

Mas nem todos os comportamentos podem ser considerados programados. Em observação em campo foram identificadas atividades que transgridem ao programado, concordando com a chamada “invenção do cotidiano”, abordada por De Certeau (2007). Atitudes como acessar áreas restritas, andar de bicicleta em cima da grama, caminhar na pista de ciclismo, depredar o patrimônio público, praticar pescaria no lago são exemplos de “transgressões” vistas no decorrer da pesquisa. As diversas práticas de lazer identificadas no Parque – as que seguem as regras impostas e as que não as seguem – podem demonstrar a riqueza de significados que um espaço pode revelar, bem como, as diferenças culturais dos sujeitos que as praticam.

Por fim, a busca por uma compreensão total de um fenômeno parece ser um bom caminho para quem quer se aproximar do real, mesmo sabendo que seu pleno conhecimento é inatingível. Por isso, reconhece-se a limitação deste trabalho. No entanto, pode servir de inspiração para a elaboração de outras pesquisas no campo da Geografia e de outras ciências, com vistas a compreender de forma mais ampla o processo de implantação do Parque Flamboyant e seu impacto econômico e sociopolítico. Sugere-se um estudo mais detalhado

sobre os processos político-econômicos que estiveram presentes desde o parcelamento do solo do Jardim Goiás de 1950 até os dias atuais, processos como as disputas do empresário Lourival Louza com o Automóvel Clube de Goiás e as permutas realizadas entre a Prefeitura de Goiânia, empresários e donos de terrenos próximos ao parque. Outra sugestão seria aprofundar a discussão sobre o processo de especulação imobiliária e sua relação com a implantação do parque.

REFERÊNCIAS

- ACHCAR, Edy Lamar W. da Silva. *Urbanização corporativa em Goiânia: empreendimentos Louza*. 2008, 136 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Planejamento Territorial – Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2008).
- AMMA – Agência Municipal do Meio Ambiente. Plano de manejo Parque Flamboyant. Goiânia, 2007.
- _____. Projeto: Implantação do Parque Municipal Flamboyant Lourival Louza. In: CONSELHO REGIONAL DE ENGENHARIA, ARQUITETURA E AGRONOMIA DE GOIÁS (Org.). *Prêmio CREA Goiás de Meio Ambiente 2007: compêndio dos trabalhos premiados*. Goiânia: América, 2008. p. 56-91.
- _____. Disponível em: <<http://www.goiania.go.gov.br/shtml/amma/apresentacao.shtml>>. Acesso em: 21 maio 2010.
- ANDRADE, José Vicente de. *Lazer: princípios, tipos e formas na vida e no trabalho*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. *A geografia escolar e a cidade: ensaios sobre o ensino de geografia para a vida urbana cotidiana*. Campinas, SP: Papirus, 2008.
- CAVALCANTI, Lana de Souza; MORAIS, Eliana Marta Barbosa de. (Org.). *A cidade e seus sujeitos*. Goiânia: Ed. Vieira, 2011.
- CAVALCANTI, Lana de Souza; PAULA, Flávia Maria de Assis Paula (Org.). *A cidade e seus lugares*. Goiânia: Ed. Vieira, 2007.
- DAVIM, Rejane Marie Barbosa; DANTAS, Susana Maria Miranda; LIMA, Vilma Maria de; LIMA, Jucimar França Vilar. O lazer diário como fator de qualidade de vida: o que pensa um grupo da terceira idade. *Ciência, Cuidado e Saúde*, Maringá, v. 2, n. 1, p. 19-24, jan.-jun. 2003.
- DE CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. 13. ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- DIÁRIO DA MANHÃ. Goiânia, 14 nov. 2005.
- DUMAZEDIER, Joffre. *Sociologia empírica do lazer*. São Paulo: Perspectiva/SESC, 1999.
- _____. *Lazer e cultura popular*. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- FERREIRA, Paulo Emilio Buarque. *Apropriação do espaço urbano e as políticas de intervenção urbana e habitacional no Centro de São Paulo*. 2007. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.
- GOMES, Christiane Luce. Lazer e descanso. In: SEMINÁRIO LAZER EM DEBATE, 9., São Paulo, 2008, São Paulo. *Anais...* São Paulo: USP, 2008. p. 1-15. Disponível em:

<<http://www.uspleste.usp.br/eventos/lazer-debate/anais-christianne.pdf.pdf>>. Acesso em: 7 ago. 2010.

LEFEBVRE, Henri. *A vida cotidiana no mundo moderno*. São Paulo: Ática, 1991.

_____. *A revolução urbana*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

LOBODA, Carlos Roberto; DE ANGELIS, Bruno Luiz Domingos. Áreas verdes públicas urbanas: conceitos, usos e funções. *Ambiência*, Guarapuava, PR, v. 1, n. 1, p. 125-139, jan.-jun. 2005.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. *Estudos do lazer: uma introdução*. Campinas, SP: Autores Associados, 1996.

_____. (Org.). *Lazer & empresa: múltiplos olhares*. Campinas, SP: Papyrus, 1999.

_____. *Lazer e humanização*. 5. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2001.

_____. et al. *Espaços e equipamentos de lazer em região metropolitana: o caso da RMC – Região Metropolitana de Campinas*. Curitiba, PR: OPUS, 2007.

MASCARENHAS, Fernando. *Lazer como prática da liberdade: uma proposta educativa para a juventude*. 2. ed. Goiânia: Ed. UFG, 2004.

OLIVEIRA, Maria das Mercêdes Brandão de Oliveira. O lugar na praça: uso e apropriação de praças goianienses. In: CAVALCANTI, Lana de Souza; PAULA, Flávia Maria de Assis Paula. *A cidade e seus lugares*. Goiânia: Ed. Vieira, 2007. p. 175-201.

PERES, Maria de Lourdes Corsino; BARBOSA, Ycarim Melgaço. O imaginário na reprodução da natureza no espaço urbano: Parques Vaca Brava e Flamboyant. *Contemporânea*, v. 8, n. 1, 2010.

PINA, Luiz Wilson. O parque lúdico: a construção de um novo conceito do brincar. In: MIRANDA, Danilo Santos de (Org.). *O parque e a arquitetura: uma proposta lúdica*. São Paulo: Papyrus, 1996.

ROLIM, Liz Cintra. *Educação e lazer: a aprendizagem permanente*. São Paulo: Ática, 1989.

ROSA, Alda M. A. Torreal. Dinâmica do Setor Jardim Goiás no olhar dos sujeitos. In: CAVALCANTI, Lana de Souza; MORAIS, Eliana Marta Barbosa de (Org.). *A cidade e seus sujeitos*. Goiânia: Ed. Vieira, 2011. p. 215-238.

SANTOS, Milton. *Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da Geografia*. São Paulo: Hucitec, 1988.

SEGRE, Marco; FERRAZ, Flávio Carvalho. O conceito de saúde. *Revista de Saúde Pública*, v. 31, n. 5, p. 538-542, 1997. Disponível em:

<<http://www.scielo.org/pdf/rsp/v31n3/2334.pdf>>. Acesso em: 16 jun. 2012.

STURION, Leonardo; CABRAL, Samanta Gallo. O lazer após a revolução industrial. *Revista Turismo: Dimensões e Perspectivas*, Maringá, PR: Faculdade Nobel, v. 1, n. 1, p. 71-78, dez. 2001.

SURDI, Aguinaldo César; TONELLO, Josimar. Lazer e saúde: algumas aproximações em direção à melhoria da qualidade de vida das pessoas. *Visão Global*, Joaçaba, v. 10, n. 2, p. 201-228, jul.-dez. 2007.

TÔRRES, João Camilo de Oliveira. *Lazer e cultura*. Petrópolis: Vozes, 1968.

WERNECK, Christianne Luce G.; STOPPA, Edmur Antonio; ISAYAMA, Helder Ferreira. *Lazer e mercado*. Campinas, SP: Papirus, 2001.

APÊNDICE

Roteiro para entrevista com frequentadores e visitantes do Parque Flamboyant

Identificação
<ul style="list-style-type: none"> - Gênero: () masculino () feminino - Idade: () 12 a 17anos () 18 a 30 anos () 31 a 60 anos () acima de 60 anos - Escolaridade: () não alfabetizado () fundamental () médio incompleto () médio () superior incompleto () superior () pós-graduado - Naturalidade: _____ - Caso seja de <i>outra cidade</i>: Quanto tempo reside em Goiânia: _____ Porque escolheu Goiânia para viver? _____ - Profissão: _____ - Carga horária de trabalho semanal: () até 20h () 21 a 44h () + de 44h () não trabalha - Renda média da família: () até 2 salários () de 3 a 5 salários () de 6 a 9 salários () de 10 a 20 salários () acima de 20 salários
Deslocamento
<ul style="list-style-type: none"> - Bairro em que mora: () Jd. Goiás () SPL () Vila Redenção () Vila São João () Vila Maria José () Alto da Glória () Outros: _____ - Veio de casa ou de outro lugar? () de casa () outro lugar. De onde: _____ - Depois do Parque voltará para casa ou irá em outro lugar? () para casa () outro lugar. Onde: _____ () não sabe - Transporte utilizado para chegar até aqui? () coletivo () automóvel () a pé () motocicleta () bicicleta () outros. Qual? _____ - Quanto tempo de deslocamento de sua residência até aqui? () até 15 min () 16 a 29 min () 30 a 59min () entre 1 e 2 horas () acima de 2 horas
Frequência e uso
<ul style="list-style-type: none"> - Há quanto tempo frequenta o Parque? () – de 1 ano () 1 a 2 anos () + de 2 a 3 anos () + de 3 anos - Com que frequência vem ao Parque? () 1 x s () 2 x s () 3 x s () 4 x s () 5 x s () 6 x s () todos os dias () finais de semana e feriados () esporadicamente () primeira vez no parque () 1 a 3 vezes ao mês. - Em média passa quanto tempo no parque cada vez que o visita? () até 30 min () 31 a 59 min () 1 a 2 horas () + de 2 a 4 horas () + de 4 horas - Que atividades de lazer pratica no parque? () caminhada/corrída () ciclismo () piquenique () contemplação () cantar com amigos () namorar () ginástica () outras. Quais? _____ - Antes da implantação do parque, onde praticava estas atividades? () em outros parques () nas ruas () não praticava () outros. Quais? _____
Representações
<ul style="list-style-type: none"> - Você considera o Parque um lugar seguro? () sim () não () parcialmente - O Parque poderia ter algum outro equipamento de lazer que ainda não possui? () sim () não . Qual? _____ - O que mais lhe chama a atenção neste Parque? - Do que você menos gosta no Parque? - Qual a importância do Parque Flamboyant para a cidade de Goiânia? - O que te levou a escolher o Parque Flamboyant como opção de lazer? - Conhece outro(s) parque(s)? () não () sim. Qual (is)? _____ - Enumere em ordem de importância () trabalho () saúde () lazer () educação () segurança () moradia - Os parques contribuem para a qualidade de vida? Por quê? _____ - Goiânia pode ser considerada uma cidade ecologicamente correta? Por quê? _____